

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS CAICÓ - CaC
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO

ANA PAULA MEDEIROS DE MARIZ

A INVISIBILIDADE DA MULHER NA FILOSOFIA – UMA ANÁLISE A PARTIR DE
SUA AUSÊNCIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO

CAICÓ
2019

ANA PAULA MEDEIROS DE MARIZ

A INVISIBILIDADE DA MULHER NA FILOSOFIA – UMA ANÁLISE A PARTIR DE
SUA AUSÊNCIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO/Polo Caicó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestra em Filosofia.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria José da C. Souza Vidal.

CAICÓ
2019

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M343i Mariz, Ana Paula Medeiros de

A invisibilidade da mulher na Filosofia - uma análise a partir de sua ausência nos livros didáticos do Ensino Médio. / Ana Paula Medeiros de Mariz. - Caicó, 2019.
90p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria José da Conceição Souza Vidal.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mulher. 2. Filosofia. 3. Invisibilidade. 4. Ausência. 5. Livro didático. I. Vidal, Maria José da Conceição Souza. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

ANA PAULA MEDEIROS DE MARIZ

A INVISIBILIDADE DA MULHER NA FILOSOFIA – UMA ANÁLISE A PARTIR DE
SUA AUSÊNCIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO/Polo Caicó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestra em Filosofia.

ORIENTADORA Prof^a. Dr^a. Maria José da C. Souza Vidal.

Aprovado em 25 de outubro de 2019.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria José da C. Souza Vidal – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof. Dr. Antônio Júlio Garcia Freire – Examinador interno
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof^a. Dr^a. Cinara Maria Leite Nahra – Examinadora externa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

*Dedico este trabalho a todas as mulheres.
Em especial, à minha avó Noir Alencar (in memoriam),
à minha mãe, Conceição Alencar, e à minha filha, Ana Teresa Mariz.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, por permitir que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida;

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria José da C. Souza Vidal, pela paciência, empatia, compreensão, e por não me deixar desistir, mesmo quando tudo parecia perdido;

À UERN, Campus Caicó/RN, por proporcionar aos seridoenses, mesmo com tantas dificuldades, o curso e o mestrado profissional de Filosofia;

Ao Coordenador do PROF-FILO, o professor Dr. José Teixeira Neto, pela competência, dedicação, sensibilidade e amizade que sempre dedicou aos alunos do mestrado;

A todas as funcionárias e funcionários da UERN-Caicó/RN. Em especial, à secretária do PRO-FILO, Erivana Maria de Medeiros, pela competência, carinho, amizade que sempre nos dedicou;

A todas as professoras e professores envolvidos na pesquisa de campo, por se disponibilizarem a responder aos questionários com toda presteza;

Aos professores do PROF-FILO, que de forma comprometida nos proporcionaram a possibilidade de novos conhecimentos;

Aos colegas, pela amizade, troca de conhecimentos, companheirismo durante o mestrado. Em especial, à Izanete Costa e Emerson Medeiros, que não me deixaram desistir, mesmo nas horas que eu acreditava não ser mais possível prosseguir;

Aos meus pais, Conceição Alencar e Osvaldo Mariz, por sempre me incentivarem a buscar novos conhecimentos, e por serem meu alicerce de muito amor e dedicação;

Aos meus irmãos e sobrinhos, por sempre me darem forças e acreditarem em mim;

À minha filha, Ana Teresa Mariz, que desde sua chegada, passou a ser o principal motivo de eu querer sempre ser uma pessoa melhor;

Ao meu querido companheiro, Joabe Tavares, que não medi esforços em me ajudar, em me ouvir, em acreditar em mim, e não permitir que eu desistisse desse trabalho;

A todos os meus amigos, que direta e indiretamente me ajudaram e deram forças nessa caminhada.

[...] cumpre repetir mais uma vez que nada é natural na coletividade humana e que, entre outras coisas, a mulher é um produto elaborado pela civilização; a intervenção de outrem em seu destino é original; se essa ação fosse dirigida de outro modo, levaria a outro resultado. A mulher não se define nem por seus hormônios nem por seus misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências alheias, o seu corpo e sua relação com o mundo.

(Simone de Beauvoir, 2016b, p. 550).

RESUMO

A pesquisa "A invisibilidade da mulher na filosofia - uma análise a partir de sua ausência nos livros didáticos do ensino médio", à luz da obra *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, tem como finalidade proporcionar um estudo sobre a importância da mulher na filosofia, visando demonstrar a influência e importância que teve em todo processo de conhecimento, e, também, trazendo a questão de como as mulheres, mesmo com todas as produções em todos os períodos da história, foram colocadas num plano de invisibilidade por parte da própria filosofia, pelos docentes e autores didáticos, utilizados em salas de aula de ensino médio. Falar de gênero e filosofia não é apenas conhecer o pensamento de mulheres filósofas, a fim de buscar uma equiparação quantitativa entre homens e mulheres na Filosofia; trata-se de um tema muito mais complexo, e que implica o (re)pensar a maneira androcêntrica, machista e patriarcal que (re)produzimos de maneira cíclica, sem muitas vezes nos darmos conta, como se houvesse naturalizado, ou até mesmo nos condicionando a tal conhecimento. Assim sendo, a pesquisa tende a agregar conhecimentos, questionamentos, momentos de criatividade, integração entre docentes de filosofia envolvidos no contexto educacional, desnaturalizando a injusta ideia de inferioridade feminina e mostrando o papel relevante de muitas mulheres na história da filosofia, apontando que é preciso sair dos livros didáticos para contemplarmos essas mulheres filósofas, pois os mesmos reproduzem a mesma segregação, no que diz respeito às mulheres na filosofia.

Palavras-chave: Mulher. Filosofia. Invisibilidade. Ausência. Livro didático.

RESUMEN

La investigación "La invisibilidad de la mujer en la filosofía - un análisis a partir de su ausencia en los libros didácticos de la enseñanza secundaria", según la óptica de la obra *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, tiene como finalidad proporcionar un estudio sobre la importancia de la mujer en la filosofía, teniendo como objetivo demostrar la influencia y la importancia que tuvo en todos los procesos de conocimiento, y también colocar la cuestión de como las mujeres, incluso con todas sus producciones en todos los momentos de la historia, fueron invisibilizadas por parte de la propia filosofía, por los docentes y autores didácticos, utilizados en clases de la enseñanza secundaria. Hablar de género y filosofía no es solo conocer el pensamiento de mujeres filósofas, con el fin de buscar una equiparación cuantitativa entre hombres y mujeres en la Filosofía. Se trata de un tema mucho más complejo, y que implica el (re)pensar la manera androcéntrica, machista y patriarcal que (re)producimos de forma cíclica ese modo de ser androcéntrico, sin que muchas veces nos demos cuenta, como si se nos hubiese naturalizado o incluso condicionado a tales conocimientos. De este modo, la investigación tiende a incorporar conocimiento, cuestionamientos, momentos de creatividad, interacción entre docentes de filosofía comprometidos en el contexto educativo, desnaturalizando la injusta idea de la inferioridad feminina y demostrando el papel relevante de muchas mujeres en la historia de la filosofía, mostrando que es preciso salir de los libros didácticos para que contemplemos a esas mujeres filósofas, pues ellos mismos reproducen la citada segregación, en lo relativo a las mujeres en la filosofía.

Palabras Clave: Mujer. Filosofía. Invisibilidad. Ausencia. Libro didáctico.

ABSTRACT

The research "The invisibility of women in philosophy - an analysis based on their absence in teaching books in secondary education", according to the perspective of the book *The second sex*, by Simone de Beauvoir, aims to provide a paper about the importance of women in philosophy, aiming to demonstrate their influence and importance in all knowledge processes, and also to place the question of how women, even with all their productions in all times in History, were invisible by the philosophy itself, by teachers and didactic authors, as well as in secondary school classes. Talking about gender and philosophy is not just knowing the thoughts of female philosophers, in order to find a quantitative comparison between men and women in Philosophy. It is a much more complex issue, and that implies (re) thinking the androcentric, macho and patriarchal way that we (re) produce in a cyclic way that androcentric way, without even realizing, as if we would have naturalized or even being conditioned by such knowledge. In this way, research tends to incorporate knowledge, questions, moments of creativity, interaction between teachers of philosophy engaged in the educational context, denaturing the unfair idea of feminine inferiority and demonstrating the relevant role of many women in the history of philosophy , showing that it is necessary to leave the didactic books so that we contemplate these women philosophers, because they themselves reproduce the aforementioned segregation, in relation to women in philosophy.

Keywords: Woman. Philosophy. Invisibility. Absence. Didactic book.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil Profissional de professoras e professores	64
Gráfico 2 - Tempo de serviço de professoras e professores	64
Gráfico 3 - Utilização do livro didático na disciplina Filosofia	65
Gráfico 4 - Filósofas citadas pelos professoras e professores	67
Gráfico 5 - Principais dificuldades apontadas pelos professoras e professores	69
Gráfico 6 - Realização de formação de ensino por conta própria	71
Gráfico 7 - Mulheres filósofas trabalhadas na Academia	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Análise do livro Filosofia: temas e percursos (FIGUEIREDO, 2016)	50
Quadro 2 - Análise do livro Filosofando: introdução à Filosofia (MARTINS; ARANHA, 2016)	51
Quadro 3 - Análise do livro Fundamentos de Filosofia (COTRIM; FERNANDES, 2016)	53
Quadro 4 - Análise do livro Reflexões: Filosofia e cotidiano (VASCONCELOS, 2016)	54
Quadro 5 - Análise do livro Iniciação à Filosofia (CHAUÍ, 2016)	55
Quadro 6 - Análise do livro Filosofia: experiência do pensamento (GALLO, 2016)	57
Quadro 7 - Análise do livro Diálogo: primeiros estudos em Filosofia (MELANI, 2016)	58
Quadro 8 - Análise do livro Filosofia e filosofias: existência e sentido (SAVIAN FILHO, 2016)	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A INVISIBILIDADE DA MULHER NA FILOSOFIA.....	16
2.1 FEMININO EXISTENCIAL.....	17
2. 2 FEMINISMO: UMA RESISTENCIA ORGANIZADA.....	22
2.2.1 Início da luta	24
2.2.2 Na esfera íntima.....	25
2.2.3 Lutar e superar	26
2.3 NATUREZA FEMININA.....	28
2.4 ASPECTOS FÍSICOS DA MULHER	28
2.5 ASPECTOS PSÍQUICOS	29
2.6 POR UM LUGAR NO MUNDO	31
2.7 ESTRUTURA COLETIVA.....	32
2.8 ISTO É MEU.....	33
2.9 NEGAÇÃO DA MULHER NO CRISTIANISMO	34
3 EXCLUINDO AS FILÓSOFAS.....	38
3.1 MITOLOGIA: A SERVIÇO DE QUEM?	38
3.2 RELATOS BÍBLICOS	40
3.3 NO CAMPO DA CIÊNCIA	41
3.4 MULHERES NA FILOSOFIA.....	45
4 ROTEIRO METODOLÓGICO	48
4.1 EXPERIÊNCIA VIVENCIADA: ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE FILOSOFIA	48
4.2 A INVESTIGAÇÃO COM OS DOCENTES DE FILOSOFIA	61
4.3 A ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	63
4.4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS.....	63
4.5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO I	65
4.6 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO II	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS.....	78

APÊNDICES	83
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO I	83
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO II	85
ANEXOS	86
ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA.....	86
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	87
ANEXO C – RELAÇÃO DE PROFESSORES E ÁREA DE FORMAÇÃO	90

1 INTRODUÇÃO

As lutas por igualdade e respeito às diferenças têm sido constantes em vários setores da sociedade. Quando nos referimos às lutas das mulheres por igualdade de direitos, estamos falando de um movimento que atravessou a história humana. Esta mesma história foi produzida e contada a partir da ótica dos homens, resta evidente que eles escolheram pra si a função de comandar a sociedade que produziam e, à medida que produziam, aumentavam seu poder sobre as mulheres. Disso, brotou uma cultura sexista, que, pelo viés de gênero, mantém e reproduz este dilema para as mulheres, qual seja, sua invisibilidade. Esse debate deve adentrar os muros da escola, um lugar adequado à formação de estudantes, voltado para o respeito e a pluralidade. Assim, não poderíamos prescindir do espaço escolar como local de debater estas questões.

Segundo Carvalho; *et al* (2010), a discussão filosófica sobre a questão de gênero e filosofia em sala de aula não se limita à dicotomia macho e fêmea, mas deve transcender para a valorização da mulher enquanto ser social, portadora de dignidade tanto quanto o homem. Esse debate não deve estimular o embate do feminino contra o masculino, que se refere aqui às discussões de gênero, antes deve promover a emancipação do ser humano em sua totalidade, independente do gênero. O atual debate sobre o feminismo requer uma fundamentação filosófica a fim de superar velhos dilemas já ultrapassados. Não se trata mais de um mero embate de homens e mulheres. Nesse aspecto, a filosofia deve promover a autonomia, no sentido de emancipar-se intelectualmente, conforme trata Kant (2010), promovendo ao aluno uma reflexão para além das questões teóricas, instigando o mesmo a fazer uma relação entre teoria e prática, observando seu contexto social com um olhar mais crítico e desprovido de preconceitos, caricaturas, ideias prontas e manipuladas.

Para tanto, o educador precisa esclarecer ao educando que a discriminação da mulher não se limita à questão da sexualidade, mas transborda para além dos direitos civis, políticos e sociais. As mulheres nem sempre tiveram os mesmos direitos que os homens à educação, à herança e à propriedade, ao trabalho remunerado e fora do lar, ao voto (CARVALHO; *et al*, 2010). Em sociedades patriarcais, apenas os homens contemplavam o direito à herança ou a propriedade. Nelas, as mulheres sequer eram contadas, não havia perspectivas do direito material da mulher. Isso acontecia, por exemplo, na sociedade judaica antiga. Nota-se que não houve só uma discriminação

no tocante a sexualidade da mulher, também se percebe um prejuízo material, formal, até a usurpação intelectual, uma vez que poucas mulheres aparecem na história da filosofia ou com alguma relevância. E isso se reflete, inclusive, em nossos livros didáticos. Esse prejuízo material é parte da desconstrução da importância da mulher, sua ausência nos livros didáticos é reflexo de um modo como as coisas ocorreram, sempre em função dos homens em detrimento à mulher, se é que havia alguma construção intelectual por parte das mulheres, reconhecida pelos homens.

Esta pesquisa se desenvolve à luz da obra *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, tem como finalidade proporcionar um estudo sobre a importância da mulher na filosofia, visando demonstrar a influência e importância que teve em todo processo de conhecimento, e, também, trazendo a questão de como as mulheres, mesmo com todas as produções em todos os períodos da história, foram colocadas num plano de invisibilidade por parte da própria filosofia, pelos docentes e autores didáticos, utilizados em salas de aula de ensino médio.

Este trabalho se divide em três capítulos. Primeiramente, abordamos a questão da invisibilidade da mulher. Quando nos referimos à invisibilidade, queremos dizer que a mulher fora usurpada de seus direitos, de sua condição cooperativa na sociedade, sobretudo, de seus direitos intelectuais, quando estes não foram reconhecidos, assim, a invisibilidade nos diz ausência, como se a mulher não tivesse feito parte da produção intelectual na história da filosofia. Nesse mesmo capítulo, apresentamos o pensamento e a contribuição de filósofas como Hipátia, Aspásia, Safo de Lesbos, Diotima de Mantinéia, Cristine de Pisan, Hildegarda de Bingen, Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, em seus respectivos períodos históricos, para mostrar que houve produção de mulheres na filosofia, em todos os períodos. Logo após a referência às mulheres na filosofia, contemplamos esse mesmo capítulo com a primeira parte do livro *O segundo Sexo*, de Simone Beauvoir (2016a), *Fatos e Mitos*.

O segundo capítulo, intitulado *Excluindo as filósofas*, apresenta a abordagem sobre as dificuldades do reconhecimento das filósofas desde a mitologia, passando pelos relatos bíblicos e, depois, no campo da ciência, à luz do pensamento de Simone de Beauvoir (2016b), na segunda parte de seu livro *O segundo sexo*, *A experiência vivida*, e, de Alicia Puleo (2004), em seu artigo *Políticas públicas e igualdade de gênero*.

O terceiro e último capítulo trata do Roteiro metodológico, no qual a pesquisadora apresenta, por meio da pesquisa qualitativa, com entrevistas

semiestruturadas e da análise dos livros didáticos, como os seis (06) professores do ensino de filosofia da 10^a DIREC, dois (02) professores de filosofia da 09^a DIREC, um (01) professor de filosofia da rede particular de Caicó-RN e dois (02) professores de Filosofia da 8^a Região de Ensino, do estado da Paraíba-PB, trabalham a figura das filósofas em sala de aula; e, como os livros didáticos utilizados pelos mesmos contemplam as filósofas.

O trabalho de campo fora executado a partir de entrevistas com esses professores, a fim de verificarmos: o perfil da professora e do professor entrevistado; o livro didático adotado para sala de aula; se os professores trabalham a importância das mulheres filósofas; se as professoras e os professores já haviam feito alguma capacitação sobre mulheres filósofas, tanto pela DIREC quanto por conta própria; como também, se os mesmos estudaram alguma filósofa na Academia; se demonstravam interesse pela temática e se tinham interesse em produzir material sobre mulheres filósofas para utilizar em sala de aula. A partir disso, buscamos soluções para essa prática em sala de aula, que exclui o pensamento filosófico das mulheres ao longo da história.

Sabemos que, na contemporaneidade, de modo escasso, é que se ousa citar alguma filósofa nos meios educacionais, principalmente com alunos de ensino médio. Comprova-se a pouca ou quase nenhuma valorização ao saber intelectual e educador das mulheres. Como isso foi possível? Como continua tal e qual? Como transformar tal realidade? É o que analisaremos no tópico posterior, de modo a esclarecermos como se deu o processo histórico de tornar a mulher um ser invisível nos meios acadêmicos e sobretudo, nos livros didáticos de filosofia.

2 A INVISIBILIDADE¹ DA MULHER NA FILOSOFIA

Esta pesquisa educacional desenvolveu-se a partir da definição de filosofia para Simone Beauvoir (2016a; 2016b) e sua obra clássica, *O segundo sexo*. Nela, a autora argumenta que a cultura, tal qual nós a temos, é produto direto da dominação do homem em detrimento da mulher.

O conceito de invisibilidade nos remete à ideia de ausência. Algo que existe, mas que é negado pelo outro. Este conceito perpassa este trabalho como um todo, muitas vezes, está nas entrelinhas do corpo textual.

Simone de Beauvoir (1908 - 1986) é uma filósofa francesa, nascida em Paris, onde destacou-se como professora de filosofia. Aproximou-se do existencialismo e concebeu seus tratados filosóficos a partir desta corrente filosófica. Em 1949, escreveu *O Segundo Sexo*, obra que a tornou mundialmente conhecida. É do título deste livro que nasce a ideia de que a mulher foi relegada a um segundo plano. A afirmação de Beauvoir (2016b, p. 11) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” teve grande repercussão nos movimentos feministas do século XX e que ressoam até nossos dias.

Beauvoir começa com uma simples pergunta: o que é uma mulher? Ao perceber que os filósofos geralmente definiam as mulheres como homens imperfeitos, ela passa a dizer que as mulheres são o ‘Outro’; que são definidas apenas em relação aos homens. Ela explica que a mulher é simplesmente o que o homem decreta e é definida e diferenciada tendo como referência o homem, e não a si mesma. (O LIVRO DO FEMINISMO, 2019, p. 115).

¹ INVISIBILIDADE DA MULHER: Explicada através do Reconhecimento em Nancy Fraser que traz um modelo diferente, esse modelo de *status* evita muitas das dificuldades apontadas no modelo da identidade. Em primeiro lugar, ao rejeitar a visão de reconhecimento como valorização da identidade de grupo, ele evita essencializar tais identidades. Em segundo lugar, ao focar nos efeitos das normas institucionalizadas sobre as capacidades para a interação, ele resiste à tentação de substituir a mudança social pela reengenharia da consciência. Em terceiro lugar, ao enfatizar a igualdade de *status* no sentido da paridade de participação, ele valoriza a interação entre os grupos, em oposição ao separatismo e ao enclausuramento. Em quarto lugar, o modelo de *status* evita reificar a cultura – sem negar a sua importância política. Atento ao fato de que os padrões institucionalizados de valorização cultural podem ser veículos de subordinação, ele procura desinstitucionalizar os padrões que impedem a paridade de participação e os substitui por padrões que a promovam. Finalmente, o modelo de *status* possui outra grande vantagem. Diferentemente do modelo da identidade, ele entende o reconhecimento de uma forma em que esse não é colocado no campo da ética. Concebendo o reconhecimento como uma questão de igualdade de *status*, definido então como paridade participativa, ele fornece uma abordagem deontológica do reconhecimento. Sendo assim, ele libera a força normativa das reivindicações por reconhecimento da dependência direta a um específico e substantivo horizonte de valor. Diferentemente do modelo da identidade, então, o modelo de *status* é compatível com a prioridade do correto sobre o bem. Recusando o alinhamento tradicional do reconhecimento à ética, ele, ao contrário, o alinha à moralidade (FRASER, 2007, p.109 - 110).

Este “torna-se mulher”, para Beauvoir (2016b), não é apenas uma questão biológica, mas também um fator cultural que perpassou a história humana. Assim, o padrão que temos da sociedade é resultado da visão peculiar masculina.

2.1 FEMININO EXISTENCIAL

A formação filosófica de Beauvoir era a fenomenologia², uma corrente filosófica que estuda como as coisas se manifestam a nós. Mas foi a partir de sua visão existencialista que passou a perceber a necessidade de darmos sentido a nossa vida, desde uma existência autêntica. Viver a autenticidade traz mais risco à existência, mas é o único modo para a emancipação do sujeito. Se nossa existência é anterior a nossa essência, então, é a partir do que eu faço com minha vida que posso construir uma existência digna. A obra *O Segundo Sexo*, por sua crítica assaz às estruturas de dominação, acabou sendo incluída no índice de obras proibidas pelo Vaticano. Ainda assim, o livro se tornou um emblema nas mais importantes lutas do feminismo.

A autenticidade de cada existência, apesar da angústia que isso pode nos causar, é o que define nossa essência e como isso nos afeta no mundo. A existência é um campo aberto de possibilidades que se mostram diante de nós, precisamos fazer escolhas diariamente e, a partir de nossa liberdade de escolher, somos os únicos responsáveis pela nossa existência no mundo. É assim também no campo das lutas pela igualdade entre a mulher e o homem no mundo. A emancipação da mulher passa, necessariamente, pela invenção da mulher do seu próprio caminho, de sua existência autêntica, ainda que o mundo insista em negá-las.

Analizar a ausência da mulher nos livros didáticos requer um aprofundamento desde as questões mais simples até as mais complexas. Historicamente, a mulher ocupou espaços reduzidos ou funções relativas às atividades domésticas. Com o advento da filosofia e o surgimento dos pré-socráticos, não havia entre eles o reconhecimento da presença da mulher, pelo menos no que consta na história da

² FENOMENOLOGIA: Corrente Filosófica fundada por Edmund Husserl, visando estabelecer o método de fundamentação da ciência e de constituição da filosofia como ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como “volta as coisas mesmas”, isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece a consciência, que se dá como seu objeto intencional (JAPIASSÚ, 2006, p. 105).

filosofia. Mesmo entre os filósofos gregos antigos, como Platão³ e Aristóteles⁴, o papel da mulher não é emancipado na *pólis* grega, pelo contrário, sua função é meramente reduzida à geração da prole e a cuidar dos afazeres domésticos. Mesmo que elas estivessem lá como sacerdotisas, poetisas ou ajudantes, não passavam de coadjuvantes. Considerados filósofos eram os homens, os livros didáticos de filosofia nos relatam cerca de dez pensadores pré-socráticos, todos eles homens da Grécia Antiga e adjacências, jamais uma mulher filósofa pré-socrática.

Algumas mulheres se destacam nesse período, mesmo que sufocadas pelo patriarcado que alicerçava o ambiente em que viviam. Ainda assim, algumas conseguiram desenvolver produções intelectuais, como Aspásia de Mileto, filósofa intelectual da Atenas Clássica, que se destacou como professora de oratória e retórica. Segundo José Solana Dueso (2014), é possível que Aspásia tenha mantido uma escola para mulheres. Além dela, podemos citar também Diotima de Mantinéia, sacerdotisa, filósofa e professora, a qual, segundo diálogos de *O Banquete*, de Platão (2002), influenciou sobre o amor e sobre a difusão do método dialógico de ensino a Sócrates.

Outra filósofa que se registra nesse período é Hypatia de Alexandria, que aparece como professora, astrônoma e matemática, seus estudos são de grande relevância, como indica Martinelli (2016):

³ PLATÃO: Não obstante Platão inovar a presença feminina na *pólis* grega, isso não passa de meio formalismo, uma vez que a esfera pública estava consagrada apenas ao domínio masculino. Platão, contudo, conclui que “Portanto... se se evidenciar que, ou o sexo masculino, ou o feminino, é superior um ao outro no exercício de uma arte ou de qualquer outra ocupação, diremos que se deverá confiar essa função a um deles. Se, porém, se vir que a diferença consiste apenas no fato de a mulher dar à luz e o homem procriar, nem por isso diremos que está mais bem demonstrado que a mulher difere do homem em relação ao que dizemos, mas continuaremos a pensar que os nossos guardiões e as suas mulheres devem desempenhar as mesmas funções. (A República, V, 454 a - e, p. 149).

⁴ ARISTÓTELES: § 4. Deve-se, antes de tudo, unir dois a dois os seres que, como o homem e a mulher, não podem existir um sem o outro, devido à reprodução. Isso não é neles o efeito de uma ideia preconcebida; inspira-lhes a natureza, como aos outros animais e até mesmo às plantas, o desejo de deixarem após si um ser que se lhes assemelhe. Há também, por obra da natureza e para a conservação das espécies, um ser que ordena e um ser que obedece. Porque aquele que possui inteligência capaz de previsão tem naturalmente autoridade e poder de chefe; o que possui força física para executar, deve, forçosamente, obedecer e servir — e, pois, o interesse do senhor é o mesmo que o do escravo. § 5. Deste modo impôs a natureza uma essencial diferença entre a mulher e o escravo — porque a natureza não procede diversos trabalhos, porém cada uma isolada só servindo para um fim. Desses instrumentos, o melhor não é o que serve para vários mistérios, mas para um apenas. Entre os bárbaros, a mulher e o escravo se confundem na mesma classe. Isso acontece pelo fato de não lhes ter dado a natureza o instinto do mando, e de ser a união conjugal a de uma escrava com um escravo. (Política, Livro I, p. 1).

O nome e a vida de Hypatia transformaram-se em lenda sobretudo em virtude dos séculos XVIII e XIX, devido ao contexto iluminista em que se encontravam, destacando a existência de Hypatia como uma contraposição ao cristianismo tanto da época em que viveu Hypatia, quanto de sua própria época. Ainda que Hypatia tenha sido, como os relatos e as fontes sobre ela revelam, uma brilhante matemática, filósofa e astrônoma (MARTINELLI, 2016, p. 82).

Podemos observar que, mesmo em um ambiente hostil à sua presença, a mulher foi capaz de produzir intelectualmente. Como seria, então, se a ela fossem dadas as mesmas condições favoráveis que foram permitidas aos homens? Não estariam elas presentes nos livros didáticos atuais?

Após analisarmos o contexto histórico da mulher na filosofia antiga e averiguar que suas posições intelectuais foram renegadas pela história da filosofia, ato contínuo, investigaremos como essa relação da mulher com as produções acadêmicas e intelectuais se deram no mundo medieval, período de forte dominação do pensamento judaico-cristão em que o papel do homem foi, de fato, preponderante.

No contexto medieval, a visão machista é corroborada, as mulheres ainda são vítimas do poder do patriarcado. Mas, com toda a dificuldade encontrada pelas mulheres nesse período, surge um movimento de mulheres conhecido como Beguinas, que contraria o pensamento patriarcal judaico-cristão dessa época.

Trata-se de um movimento impetuoso que se dá justamente numa atmosfera de adversidades aparentemente intransponíveis para os excluídos de então, ao ponto de se produzir em meio a uma sociedade que tinha ares de misoginia aí reinante. Impacta-nos, com efeito, a extrema capacidade de resistência das mulheres a um contexto tão adverso. Resistência por elas exercitada por diferentes vias, seja pelas veredas de sua inventividade cultural (as sábias), seja pela sua espiritualidade leiga (as místicas), seja pela sua capacidade de resistência material (por seu trabalho manual de automanutenção (as militantes, as guerreiras). Dessas formas de resistência, aqui nos limitamos à que combina o exercício de uma espiritualidade leiga com a sua capacidade de organização autogestionária a serviço dos excluídos daquela época (os pobres, os doentes, as mulheres abandonadas) (CALADO, 2012, n. p.).

As vozes emergentes do medievo, por meio das Beguinas demonstram certa presença social e intelectual. Porém, a crítica que se faz é que não há amplo reconhecimento da produção delas, no máximo há alguma reflexão no mundo acadêmico ou de alguns especialistas no assunto.

Mas, não foi só o movimento das Beguinas que marcou a presença de mulheres. Segundo Costa e Costa (2019, p. 12), “[...] apesar de todas as evidências, se vasculharmos a construção do Pensamento Ocidental veremos que as mulheres

sempre estiveram presentes, contribuindo indireta ou diretamente, seja como sujeito passivo ou ativo desta história".

Hildegard de Bingen se destaca no medievo, com seus escritos teológicos e sua mística;

Hildegard escreveu diversas obras em que descreve suas visões ou mensagens recebidas de Deus, dentre as quais: *Scivias* (*Conhece os caminhos do Senhor*), primeira de suas obras teológicas (teologia dogmática), iniciada em 1147, após a supracitada autorização do Papa Eugênio III, e concluída em 1151. Nela são expostas, de forma ordenada e profética, 26 visões, divididos em três livros: o primeiro (seis visões), sobre o Criador (o Luminoso), a criação e a entrada do mal no mundo; o segundo (sete visões), sobre o Redentor e a redenção; e o terceiro (treze visões), trata da história da salvação. Ou seja, uma história da criação do homem, de sua queda e de sua redenção e salvação. Além, do caráter teológico, nas entrelinhas a obra traz reflexões filosóficas acerca do universo e do homem: sobre a origem do cosmo, sobre o macrocosmo e do microcosmo, sobre a estrutura do ser humano, etc. (COSTA; COSTA, 2019, p. 63 - 64).

Percebemos que foram diversas as contribuições de Hildegard de Bingen nas mais diversas atividades humanas, o que chama a atenção é que a mesma não consta nos livros didáticos de filosofia do ensino médio.

Christine de Pisan é considerada uma das mais importantes poetisas medievais, foi a primeira mulher de sua época a viver de sua arte. Sua obra mais conhecida é *La Cité des Dames* – A Cidade das Damas –, de 1405.

Considerada a primeira obra a questionar a supremacia masculina em relação à mulher em vários domínios, *A Cidade das Damas* busca reavaliar o papel feminino ao longo dos tempos, através da compilação de exemplos de várias figuras históricas, lendárias, mitológicas, de grande virtude, que deram prova da capacidade intelectual e física. (DEPLAUGNE, 2013 *apud* KARAWEJCZYK, 2016, p. 111).

Nesse livro, Cristine de Pisan já demonstrava a invisibilidade com a qual as mulheres filósofas já vinham sendo tratadas do período antigo até o medievo. Atravessamos o longo período histórico medieval sem, de fato, a mulher ser reconhecida por sua produção intelectual, esse período é marcado pela hegemonia masculina. Embora tenham surgido algumas produções femininas no campo intelectual, como foi dito anteriormente, a supremacia masculina sufocou a história intelectual das mulheres, tornando-as invisíveis ao olhar crítico da história. A seguir, investigaremos o período moderno e buscaremos compreender se nele foi dado o necessário reconhecimento às produções intelectuais femininas.

O mundo moderno, firmado na razão e supremacia da ciência, criou uma expectativa de que finalmente a mulher seria reconhecida como sujeito de autonomia. Como tal, a mesma passaria à emancipação jurídica e intelectual. Havia a singular esperança de tal igualdade com a Revolução Industrial, com as mulheres disputando, em condições de igualdade, espaços dentro das fábricas. Ocorre que a desumanidade das condições nas fábricas não só limitaram a presença destas como as expuseram ao frio pesadelo da nulidade em que se sentiam diante de mais um fracasso feminino na modernidade.

Foram filósofas de extrema importância nesse período: Mary Wollstonecraft (1759-1797), inglesa, intelectual libertária, conhecida por lutar pela causa dos oprimidos; Marya Gouze, conhecida por Olympe de Gouges (1748-1793), francesa, dedicou sua vida a lutar pelos direitos civis e à política, assim como a emancipação feminina, abolição da escravatura. Abaixo, destacamos o prefácio escrito por Maria Lygia Quartim de Moraes para a publicação de 2016 da obra *Reivindicação do direito das mulheres*, de Mary Wollstonecraft:

Eis um texto escrito em fins do século XVIII que continua atual. Por sua defesa veemente da igualdade entre os gêneros, *Reivindicação dos direitos da mulher* pode ser considerado o documento fundador do feminismo. Publicado em 1792, em resposta à Constituição Francesa de 1791, que não incluía as mulheres na categoria de cidadãs, o livro denuncia os prejuízos trazidos pelo enclausuramento feminino na exclusiva vida doméstica e pela proibição do acesso das mulheres a direitos básicos, em especial à educação formal, situação que fazia delas seres dependentes dos homens, submetidas a pais, maridos ou irmãos. [...] O feminismo iluminista de Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges compartilha da mesma crença na importância da educação e na universalidade de direitos, fazendo eco a Condorcet. É um feminismo que se opõe à escravidão dos africanos e indígenas e à escravidão doméstica. Ambas viveram tempos históricos em que a mulher estava excluída da educação formal, das universidades e das possibilidades de uma carreira de nível superior. E em que o casamento a transformava numa dependente legal do marido, que não podia gerir os próprios bens nem trabalhar sem consentimento. É a eterna menoridade como destino das mulheres. [...] Olympe de Gouges viveu tempos revolucionários, marcados pelos ideais de igualdade e liberdade. Ela se insere nas agitações políticas da França escrevendo panfletos, tratados políticos, peças de teatro e artigos sobre a questão da mulher. Participando ativamente dos dramáticos anos que se sucederam à queda da Bastilha, Olympe dirige o jornal *L'Impatient*, funda, em 1793, a Sociedade Popular das Mulheres e publica, em 1791, a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, basicamente uma contraproposta da *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, na qual “homem” não era usado como sinônimo de “humanidade”, mas como representante do sexo masculino, o que lhe garantia o direito à cidadania. Em alguns pontos, o texto é ainda mais radical do que a *Reivindicação*, pois propugna não somente a igualdade dos direitos da mulher à educação, mas ao voto e à propriedade privada, aos cargos públicos, ao reconhecimento dos filhos nascidos fora do casamento e à herança (MORAES, 2016, n. p.).

Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges, lutaram incessantemente, mesmo com todas as dificuldades dadas às mulheres, já que o período moderno não foi muito diferente no que diz respeito à aceitação da igualdade de direitos, da produção intelectual, dos outros períodos.

2. 2 FEMINISMO: UMA RESISTENCIA ORGANIZADA

Quando analisamos a lógica que move a sociedade, percebemos claramente que esta mesma sociedade foi moldada a partir da leitura que os homens fizeram dela. Ora, como esperar dessa leitura um foco de equidade? Como dominadores históricos das sociedades humanas mais diversas, os homens definiram o lugar da mulher em tais sociedades. E foi justamente esta leitura androcêntrica do mundo que prevaleceu e da qual foi-se naturalizando; ainda mais, se cristalizando.

Ensinaram-nos a ler com os olhos de homens [...] a nos esquecer de nós mesmas em proveito desta universalidade que nunca foi outra coisa senão a voz dos homens exigida em instituição [...]; para ler enquanto mulher, com os olhos de mulher, é preciso desaprender a reverência e a obediência (SAINT-MARTIN, 1984 *apud* BEDASEE, 2000, p. 110).

Considerando-se o que foi dito acima, podemos compreender que a definição do lugar da mulher na sociedade é resultado direto da ótica machista que definiu a mulher como um ser passivo, portanto, relegado à obediência. Não é difícil imaginar outro resultado senão a negação da mulher, quer seja no âmbito familiar, social e até mesmo religioso. Tivesse sido dado um olhar bivalente, igualitário entre homens e mulheres, outro teria sido o resultado, quiçá nem estivéssemos discutindo aqui esta questão. Mas, não foi isto o que aconteceu! O que aconteceu, de fato, foi justamente essa leitura de mundo, a partir da ótica masculina, que definiu o mundo e a leitura monocular, que considera apenas o homem como o centro das coisas que projetou o mundo tal qual nós temos – um mundo androcêntrico.

Diante disso, não restou à mulher senão reivindicar seu lugar na sociedade. Mas, esta luta reclama por equidade e igualdade de direitos, consideradas as diferenças biológicas entre homens e mulheres. Não haveria outro modo de reconhecimento das mulheres que não fosse pela resistência e das lutas que houveram na história humana. Segundo Bedasee (2000, p. 111), “[...] a mulher não é naturalmente passiva”. Isto é uma invencionice, aliás, é muito mais razoável dizer que

a mulher é resistente do que passiva, isto, afinal é uma falácia, justamente para “construir” a mulher. Como diz Beauvoir (2016b), tornar-se mulher. Essa construção do tornar-se foi peremptória na definição da função e do lugar da mulher no mundo.

E é contra este tornar-se, tentar construir um ser passivo, que as lutas das mulheres por equidade e igualdade transcorreram no tempo, como por exemplo, o movimento feminista que sempre pautou em refletir seus próprios direitos.

O movimento feminista apresenta suas próprias reflexões críticas que se aprimoram com o decorrer do tempo, e o aprofundamento de seus estudos levam a tomada de consciência das condições impostas à mulher na sociedade (MARQUES; XAVIER, 2018, p. 1).

Assim, percebemos que não é de hoje que as mulheres lutam por seus direitos e equidade em relação aos homens, entretanto, é um fato histórico que discorre no tempo, sobretudo, nas sociedades patriarcais. Parece óbvio que a emancipação da mulher não seria digerida pelos homens sem causar um certo mal-estar, um *frisson* que incomoda quem sempre ditou as regras a partir de sua ótica. Reverência e obediência, devem ser próprio da mulher, segundo a visão androcêntrica do mundo. Então, qualquer tentativa de luta, resistência ou empoderamento por parte das mulheres, já é desobediência.

A visão androcêntrica, segundo Bedasee (2000, p. 111), afirma que “[...] a mulher que se quer independente será esmagada. Ser independente, ou inteligente, é não ser feminina”. Essa visão machista nega qualquer pretensão social, política ou intelectual à mulher. Assim, os homens mantêm o saber, de modo a reafirmar a supremacia do homem. Este silêncio intelectual imposto à mulher, de algum modo se reflete em nossos livros didáticos de ensino médio, uma vez que neles não estão presentes as filósofas, desde a antiguidade até nossos dias.

Sendo assim, não sobrou alternativa à mulher senão incorporar-se à luta e resistir contra os abusos históricos que sofre. Esta luta, o movimento feminista, é um fenômeno das sociedades contemporâneas, portanto, uma forma de luta que reflete os ideais de igualdade a partir da Revolução Francesa (1789). Quando pensamos o movimento feminista tal qual o concebemos atualmente, vislumbramos um movimento de libertação que os antigos ou medievais não contemplaram e, pelas condições históricas, talvez não contemplassem se naquele tempo histórico tivesse surgido.

Reconhecemos, contudo, a resistência das mulheres em todos os períodos históricos, desde o nascedouro na história humana, perpassando por todas as idades históricas. Mas, movimento das mulheres mesmo, do modo como compreendemos quando se fala de movimento feminista, é um fenômeno eminentemente contemporâneo. Assim sendo, passaremos a uma breve leitura deste movimento, e de como ele afeta as mulheres, vence barreiras e se consolida como um dos instrumentos de luta da atual resistência. O fato de ser uma descrição histórica com o que aconteceu às mulheres filósofas ao longo do tempo não deixa de lado a importância filosófica do texto. A busca na história da filosofia pela presença feminina é um método de análise elegida pela pesquisa. Por meio desse recorte histórico, compreende-se a lógica da invisibilidade da mulher na filosofia.

2.2.1 Início da luta

É na metade do século XIX, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, que o movimento feminista ganha corpo, se organiza inicialmente. Sua luta é por direitos políticos, educação e legislação matrimoniais equitativas. Nesses contextos geográficos, Europa e Estados Unidos, o modelo econômico capitalista estava em expansão e começavam a surgir algumas vagas nas fábricas que foram ofertadas às mulheres.

[...], mas, devido o processo de industrialização desenvolvem-se as classes e as mulheres passaram a ser incluídas nos trabalhos operários, então, as mulheres operárias passam a organizar reivindicações que alcançaram as mulheres da classe trabalhadora, conseguindo chamar uma atenção que proporcionou certa visibilidade (não significa que foi uma visibilidade positiva na sociedade) ao movimento (MARQUES; XAVIER, 2018, p. 02).

As ofertas de trabalhos nas fábricas e indústrias, antes de serem um sinal de emancipação social, revelaram-se uma situação de abuso e precariedade. Elas, as mulheres, tinham que trabalhar mais e receberem menos; assim, “[...] a mulher era explorada mais vergonhosamente ainda do que os trabalhadores do outro sexo” (BEAUVOIR, 2016a, p. 166). Percebemos que, quando não estavam no mercado de trabalho, as mulheres eram excluídas, quando estavam nas fábricas, eram abusadas, exploradas – tornadas mulheres.

Quanto aos direitos políticos, a luta das mulheres também significou luta e resistência. A partir do movimento feminista inicial, a mulher buscou aquilo que lhe faltava para tornar-se cidadã – o direito ao voto. Assim, surgiu o movimento das sufragistas que lutavam pelo reconhecimento às mulheres da dignidade de poderem votar, ainda que não fossem votadas.

A princípio, as sufragistas buscavam, de forma pacífica, conquistar seus direitos e mostrar a importância que as conquistas tinham para o movimento e para a qualidade de vida da mulher. Mas acabavam sendo ridicularizadas e hostilizadas (MARQUES; XAVIER, 2018, p. 03).

De início, o movimento foi pacífico e ordeiro. Quando as sufragistas perceberam que sem impacto e uma certa violência nada conquistariam, passaram, então, a utilizar métodos mais agressivos, como destruição de propriedades. Foi preciso desaprender a reverência e obediência, uma vez que a ótica masculina de ver e determinar o mundo não se altera com passividade. Lutar demanda esforços e, por vezes, até vidas são consumidas ou entregues pela causa pela qual se luta, com o movimento feminista não foi, não é diferente.

2.2.2 Na esfera íntima

Como vimos, os primeiros impactos do movimento feminista estiveram relacionados ao trabalho e a vida política das mulheres. Houve algum avanço nesse ínterim, como o acesso ao trabalho fabril, malgrado às más condições das fábricas e indústrias para a realização do trabalho das mulheres. Todavia, de algum modo, houve algum ganho, ainda que relativo. Quanto à vida política, com muita luta das sufragistas, as mulheres alcançaram o status de eleitoras, ainda que não pudessem ser eleitas.

Com a presença das mulheres nas fábricas, sua ausência foi sentida no lar. A mulher passou a ter dupla jornada, uma no trabalho fabril, outra no lar. Muitas vezes, as mulheres foram acusadas de desleixo com sua própria casa, de abandonarem o lar, pois se encontravam no labor das indústrias, e ainda com uma carga de trabalho/horário superior ao cumprido pelos homens. Isto causou uma consequência direta – a violência doméstica. Mas, não sejamos simplistas de considerar a presença da mulher na fábrica como a única causa de violência doméstica. A presença da

mulher na fábrica e, consequentemente, sua ausência no lar, é só mais um pretexto usado pelos maridos para agredirem suas esposas.

Assim, a segunda parte do movimento feminista concentrou-se dentro do âmbito familiar. O casamento, que demanda uma ajuda coletiva, tornava-se um lugar de risco para as mulheres trabalhadoras, pois o agressor era justamente aquele que devia protegê-la, qual seja, o seu marido. A segunda onda do movimento feminista denunciava, oficialmente, a violência doméstica contra as mulheres.

Com isso, podemos perceber que o movimento feminista, na segunda onda, passa a abordar pautas relacionadas à opressão da mulher, a sexualidade, a construção cultural de gênero e dominação. O discurso agora estava focado nas relações de poder entre homens e mulheres, debatendo sobre questões de discriminação, desigualdades culturais e estruturais sexistas (MARQUES; XAVIER, 2018, p. 5).

Para além da violência física contra a mulher, este período do movimento feminista buscou, também, contemplar questões como o aborto, a decisão de ter filhos e seu papel no casamento. Mesmo com toda a luta do movimento feminista contra a violência doméstica da qual a mulher é vítima, ainda haveríamos de presenciar, em pleno século XXI, um fenômeno que, de tão corriqueiro em nossos dias, já estamos saturados de ver e ouvir, a saber: o feminicídio.

Na segunda onda de luta do movimento feminista, a luta era contra a violência doméstica, hoje assistimos, a todo instante a matança doméstica.

2.2.3 Lutar e superar

Ao perceber que o movimento feminista contemplava a mulher branca e burguesa, o movimento feminista precisou fazer uma reflexão crítica sobre si mesmo. Isto aconteceu nos anos de 1990 do século XX. Era preciso contemplar a mulher como um todo, fosse indígena, negra, desempregada, pobre ou lésbica.

O movimento prescindiu da ideia de que as mulheres sofriam do mesmo modo todas as violências. Uma ingenuidade do movimento! Havia mulheres mais excluídas ainda do que aquelas que o movimento desconhecia.

Consequentemente, o movimento passa a ganhar novas correntes que passam a considerar a raça, a classe e a região. Reconheciam que existia uma pluralidade feminina. O surgimento das novas correntes ou vertentes do movimento feminista surgem a partir de demandas e da necessidade de discussão da realidade das mulheres de classe mais baixa e diferenças raciais (MARQUES; XAVIER, 2018, p. 2)

Esse reconhecimento da pluralidade feminina é *conditio sine qua non* para se fazer justiça àquele grupo de mulheres que não eram contempladas pela segunda onda do feminismo. Não bastava amparar um grupo de mulheres, era preciso amparar a mulher, restituir seus direitos, equidade dentro das diferenças biológicas. Mas, isto a todas as mulheres, aliás, é justamente nas condições mais adversas como a pobreza, a cor da pele e até da religião da mulher, que a discriminação e a violência se impõem com mais força contra elas.

Assim, reconhecemos as conquistas do movimento feminista em prol dos direitos das mulheres. Mesmo sendo um movimento histórico relativamente recente, houve conquistas que sem o movimento feminista, jamais as mulheres conquistariam. Como vimos, a primeira onda do movimento feminista se concentrou em direitos à educação e equidade legal no casamento, com forte presença das mulheres na linha de produção das fábricas. Pela primeira vez, podíamos falar em operárias e trabalhadoras no sentido de emprego formal. Já a segunda leva do movimento feminista ocupou-se da proteção da mulher contra a violência doméstica, quase sempre atribuída ao próprio marido. Por fim, a terceira onda tenta ampliar o conceito de mulher digna de direito. O que antes contemplava a mulher burguesa branca, passou a incluir outras mulheres, como as negras, pobres ou lésbicas. A luta se ampliava e abarcava um número maior de mulheres, com isso o movimento só se fortalecia.

O movimento feminista ocupou espaços sociais como os protestos, panfletagens e manifestos que buscam extinguir este sistema machista que só oprime a mulher. Mas, esta luta não é uma luta consolidada, acabada. Pelo contrário, ela se renova a cada dia em que assistimos qualquer violência à mulher em função do gênero. As agressões se camuflam para não serem notadas. Os abusos, muitos desses, estão na esfera da subjetividade, como as cantadas despretensiosas, os encoxamentos em ônibus superlotados, ou a divulgação de imagens de mulheres, sejam elas reais ou alteradas. Percebemos que os abusos vão se sofisticando à medida em que o movimento feminista também precisa se atualizar e superar a si

mesmo, se quiser continuar sendo um legítimo instrumento de proteção e da luta das mulheres.

2.3 NATUREZA FEMININA

Segundo Simone de Beauvoir (2016a), a ciência biológica define a mulher dotada de uma certa fraqueza em relação ao homem e dessa definição derivam outros adjetivos como instabilidade ou falta de controle, mas essa *fraqueza* “[...] só se revela como tal à luz dos fins que os homens propõem, dos instrumentos de que dispõem, das leis que se impõem” (BEAUVOIR, 2016a, p. 63). Dizer que falta à mulher compleição física e, com isso, atribuí-la uma condição de fragilidade é uma definição apressada e rasa por si só. A questão é, a mulher se revela frágil porque está submetida às leis e regras determinadas pelos homens, foram os homens que criaram e determinaram os critérios das atividades humanas, nas quais deveriam, ao invés do confronto de gênero, colaborarem mutuamente na construção de um mundo onde homens e mulheres produzissem ciência, política, direito e as mais diversas atividades humanas em conjunto.

Como falar em igualdade se, por definição, a mulher é apresentada e diagnosticada como um ser frágil? Quem cunhou tal definição? A quem interessa? (BEAUVOIR, 2016a).

Na tentativa de tornar a mulher inferior ao homem, a biologia foi utilizada de forma tendenciosa e opressora, tentando mostrar que a diferença de ambos os sexos torna a mulher inferior, frágil. A partir desse traço que a ciência biológica nos legou, trataram de demonstrar a incapacidade feminina de atuar em diversas áreas, que também fazem parte do universo feminino (BEAUVOIR, 2016a).

2.4 ASPECTOS FÍSICOS DA MULHER

Da expectativa biológica, a mulher, reduzida à fragilidade, logo será definida como fêmea, em contraste à definição de macho que coube ao homem. Se a definição de fêmea soou pejorativo, o homem se animou com a definição que lhe coubera, até se orgulhou quando ouviu: “É um macho!”. Enquanto o espermatozoide é ágil e faceiro, o óvulo se revela um monstro frio que abocanha o gameta masculino. Mas, esse gesto monstruoso sairá caro: a maternidade pode ser até útil, como pode

também ser um desastre. Essa leitura apressada da fecundação não pode gerar interpretações pueris de que a fêmea deva arcar com as consequências sozinha, pois, foi o óvulo que destruiu o singelo espermatozoide (BEAUVOIR, 2016a).

Como observa Beauvoir (2016a, p. 40), “Gametas masculinos e femininos fundem-se no ovo, juntos, eles se suprimem em sua totalidade”, não há mais individualidade, o papel de ambos os gametas são idênticos, criar a vida. Do ponto de vista da geração da vida, há uma dupla contribuição entre os gametas masculinos e femininos, mas, quanto ao lugar de cada um depois do nascimento, é que se revelarão em circunstâncias opostas. Ainda que essas divagações biológicas não reproduzam a realidade fidedigna, foi desta maneira que a história chegou até nós, parece descabido se afirmar suposta superioridade masculina apenas pela sua compleição física e assim definir o papel da mulher ao ínfimo lugar doméstico, enquanto ao homem era outorgada a vida pública. Conforme assevera Beauvoir (2016a, p. 41), “seria ousado deduzir de tal verificação que o lugar da mulher é no lar: mas há pessoas ousadas”, ousado foi o homem que fez essa interpretação do mundo e escolheu o destaque do comando, de sobra restou o doce lar para ocupação das mulheres.

A vida surge do complexo ato de colaboração e este ato de reciprocidade desaparece com o brotar da vida. Não há mais que se falar em óvulo e espermatozoide, mas no resultado da reunião de ambos, que pode gerar tanto o macho quanto a fêmea. Pois bem, o debate acerca do aspecto singelo do espermatozoide em contraste com a brutalidade do óvulo que o engole é inócuo e incapaz de sustentar a superioridade do macho no tocante à reprodução. E, muito mais sem sentido, em querer reconhecer superioridade do homem pelo simples aspecto “singelo” do espermatozoide. Assim, a vida é resultado da colaboração dos sexos opostos, essa colaboração deveria permear ato contínuo, a vida que surge no mundo social, afetivo e político.

2.5 ASPECTOS PSÍQUICOS

Sob o aspecto psíquico e intelectual, as diferenças entre homem e mulher são mais veladas. Coube à psicanálise mensurar em que ponto se encontra a capacidade cognitiva e afetiva de ambos os sexos. Assim, a mulher não é definida pela natureza cognitiva, ou seja, pela sua capacidade de saber, mas é no afeto que a mulher se define, como se a afetividade fosse uma demonstração de fragilidade,

consequentemente, inferior ao homem. Transferir a suposta incapacidade física para o campo emocional foi tarefa das mais simples. Seguiu-se então uma lógica perversa: se a mulher tinha compleição física e inferior, logo também teria inferioridade psicológica.

Obviamente que o campo da psicanálise não é um lugar fácil de se discutir, dada a natureza da própria ciência que é a psicanálise em questão, uma ciência de natureza subjetiva, portanto, sem verificação empírica, como as ciências positivas. Entretanto, de modo crítico é preciso realizar a discussão, e é em função da libido que se dará a análise (BEAUVOIR, 2016a).

Desse modo, a libido como aqui nos referimos, não é algo exclusivo do masculino. O desejo pela sexualidade está equidistante tanto para o homem quanto para mulher, não há que se falar que a fêmea não tenha desejo. Porém, já em Freud, há uma tendência de definir a libido como viril: “A libido é de maneira constante e regular de essência masculina, surja ela no homem ou na mulher”, (FREUD, s. d. *apud* BEAUVOIR, 2016a, p. 68). Reduz, assim, a originalidade feminina no desejo, não se vê a libido feminina com autenticidade, mas como alguma coisa que se desviou da normalidade. O aspecto psicológico se confundiu com o desejo sexual, de modo que a libido seria o termômetro da sexualidade. Se para Freud a libido era essencialmente masculina, o desejo feminino seria uma usurpação do original masculino. Mais uma vez a mulher é reduzida à imitação do projeto masculino.

Há, conforme Beauvoir, um claro postulado em Freud da erotização masculina em torno do falo, que já nos antigos era símbolo de feminilidade e signo de poder. Com efeito, a ausência do pênis, para Freud, foi motivo de inveja feminina e, assim, coube às mulheres herdar o famigerado complexo de castração. Por mais que esse complexo ocorra em meninos e meninas, as consequências psicológicas serão mais danosas a elas, uma vez que em algum momento os meninos se livrarão desse complexo. Malgrado ser um aspecto físico a presença ou ausência do falo, o corolário desta questão se remete às circunstâncias psíquicas, de alguma maneira a mulher se sente um homem mutilado (BEAUVOIR, 2016a).

De algum modo, a ausência do falo causou à mulher este “complexo de castração”, e disso resulta algumas consequências, pois “o falo assume tão grande valor porque simboliza uma soberania que se realiza em outros campos” (BEAUVOIR, 2016a, p. 77), assim, para a mulher realizar-se, inventa algo equivalente àquilo que lhe falta – o falo. Esta sujeição à ausência anatômica, biológica que é a compleição

feminina, nada mais é do que a leitura que o homem fez do mundo. Não é a ausência do falo em si que causa a dependência da mulher, mas o que esta ausência representa. O pênis não tem esse privilégio todo e, nessa situação anatômica que cria um verdadeiro privilégio para o homem, a questão é, então, quais as possibilidades que tem a mulher definida como ser humano em busca de seu lugar no mundo.

Com efeito, o aspecto psicológico feminino está estritamente ligado à sua compleição física, que já havia sido declarada incapaz pela sociedade patriarcal, a qual deu perversa colaboração na construção do ser mulher. Definiu-se, então, a tese do homem dominante: a mulher inferior física e psicologicamente.

2.6 POR UM LUGAR NO MUNDO

Por que deveria a mulher buscar um espaço no mundo? Ora, pelo simples motivo dos homens dominarem as atividades humanas. Eles se impuseram a elas e, assim, definiram as regras do jogo existencial. Desse modo, segundo Beauvoir (2016a, p. 95) “compreende-se porque o homem tenha tido vontade de dominar a mulher”, a questão é: que direito ou privilégio foi concedido ao homem para determinar as coisas conforme seu interesse e vontade?

Antes dos humanos se fixarem à terra e desenvolverem técnicas agrícolas a fim de permanecerem em um local determinado, a vida nômade era dura e forçosa. É razoável a ideia de que homens e mulheres possuíssem vigor físico semelhante. Segundo Beauvoir (2016a, p. 96), “[...] Em muitos casos as mulheres eram bastante robustas e resistentes para participar das expedições dos guerreiros”. De qualquer modo, a hostilidade das lutas com comboios ou grupos inimigos sempre trazem prejuízo maior às mulheres, pois nem sempre podiam garantir a vida dos filhos que pariam. De qualquer jeito, o ônus de carregar fardos, lutar contra grupos adversários e ainda parir e cuidar dos filhos, ficava sempre para a mulher. Nas sociedades primitivas, houve a contribuição para a gênese daquilo que seria a supremacia masculina.

É assim que se criam barreiras em relação às aspirações da mulher e ao seu acesso a setores que anseia no mundo, já que na visão do “macho” determinados lugares são exclusivos para homens. E mesmo que alguma mulher ouse adentrar nesses espaços, tido para os “machos”, elas dificilmente são olhadas com o mesmo respeito e admiração destinados a um homem, pois, a educação machista, sexista e

andrógena que recebemos desde o espaço familiar até o espaço social é de que as mulheres são limitadas a certas coisas, muitas vezes utilizando uma retórica perversa de que toda essa diferença de direitos é forma de proteger e preservar as mulheres de trabalhos que só podem ser feitos pelos homens.

Segundo Albornoz (2015), em seu artigo sobre o livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, o trabalho é uma das formas de libertação na luta de igualdade de direitos para as mulheres.

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. [...] A maldição que pesa sobre a mulher vassala reside no fato de que não lhe é permitido fazer o que quer que seja; ela se obstina então na impossível procura do ser através do narcisismo, do amor, da religião; produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade (BEAUVIOR, 1967 *apud* ALBORNOZ, 2015, p. 109).

Uma possível alternativa para a emancipação da mulher foi por meio do trabalho e, a partir daí, ela ocupa espaços antes privativos aos homens. Ao fazer parte da vida produtiva e, consequentemente, receber remuneração por isso, a mulher experimentou um modo de ser que até então desconhecia, uma vez que para ela restava a vida contemplativa ou a vida doméstica. O trabalho é, assim, a materialização da sua busca por uma lugar no mundo. Todavia, coube, ainda às mulheres, a responsabilidade dos afazeres domésticos, dos quais a mesma já dava conta.

2.7 ESTRUTURA COLETIVA

Ao sair do nomadismo e se fixar ao solo, as relações sociais adquirem um modo coletivo de ser. A propriedade é partidária: muitas tribos vivem de modo comunitário. O fator filho ganha *status* de realização e garantia de posteridade, por tabela, a mulher ganha um certo prestígio, às vezes é confundida com a própria natureza. Como assevera Beauvoir (2016a, p. 103): “A natureza na sua totalidade apresenta-se a ele como uma mãe; a Terra é mulher, e a mulher é habitada pelas mesmas forças obscuras que habitam a Terra”. O corpo feminino tem a graça e a magia de brotar a vida e a coletividade percebe a importância daquela que herdará a vida sedentária, pois ao homem ser-lhe-á atribuído o valor e a honra da caça, da pesca, da guerra, de

agir na organização dos limites da aldeia, é ele que conduzirá essa estrutura coletiva. Não seria dessa ideia que as sociedades futuras teriam dado mais espaço público aos meninos, enquanto às meninas fora reservado um canto na casa?

2.8 ISTO É MEU

As comunidades coletivas mal haviam sucumbido ao advento de propriedade privada, logo a mulher perdeu o *status* dos tempos idos, então, mulher e propriedade passaram a confundir-se com herança.

Compreendermos a importância fundamental dessa instituição se lembrarmos o fato de que o proprietário aliena sua existência na propriedade, a esta se apega mais do que à própria vida, ela ultrapassa os estreitos limites da vida temporal, subsiste além da destruição do corpo, encarnação terrestre e sensível da alma imortal (BEAUVOIR, 2016a, p. 117).

A mulher está prestes a tornar-se coisa, algo que pertença a um indivíduo como um objeto pertence a alguém. O homem não quer partilhar com ela nem os próprios filhos que ela gerou. Com o patriarcado, isso é possível, pois a força do direito está com aquele que usurpou direitos e privilégios antes pertencentes à mulher.

No regime patriarcal, os homens adquirem poder sobre a vida da mulher, incluindo também a dos filhos, a vida das meninas não tem o mesmo valor que a dos meninos. Como diz Beauvoir (2016a, p. 118): “Aceitar a criança do sexo feminino era um ato de livre generosidade por parte do pai; a mulher só entra nessas sociedades por uma espécie de graça que lhe é outorgada, e não por legitimidade como o homem [...]. O caminho da inferiorização havia sido traçado por aquele dono de todas as coisas, o homem (macho).

Se o homem passa a condição de proprietário das coisas e a mulher é reduzida a mero objeto ou propriedade, é óbvio que o homem passou a ter quantas mulheres desejasse, a não ser que este não possuísse condições financeiras para tanto, mas não importa, logo apareceria um em farta condição econômica para substituir tantos outros. Em regime patriarcal, a mulher é sempre patrimônio, antes do pai, em seguida do esposo. Destarte, a mulher tornar-se alienada, não se percebe no mundo e nem se realiza, antes pertence a outro. O direito patriarcal reduz a mulher à existência na incapacidade e servidão. É um ente nulo, não tem serventia nos negócios públicos,

nas palavras de Beauvoir (2016a, p. 128): “é uma eterna menor”. Aliás, não há que se falar em lugar de mulher nas sociedades patriarcais, e sim de ausência de lugar.

Já para o homem, pai, marido, a coisa é diferente. Conforme Beauvoir (2016a, p. 128), “sua autoridade é ilimitada, ele governa de maneira absoluta a mulher e os filhos [...]. Aí se consagra a nulidade da mulher, pois, mesmo que esta tenha certa autonomia e liberdade, isso depende do papel econômico que ela representa na cidade. Se for livre e autônoma, mas não tiver influência nos negócios da cidade, é como se escrava fosse.

2.9 NEGAÇÃO DA MULHER NO CRISTIANISMO

É um tanto paradoxal ao Cristianismo contribuir para a opressão da mulher. A contradição está justamente pelo caráter libertador da mensagem original do Cristo. Todavia, tal mensagem não contemplaria a mulher, dado que sua interpretação se distanciou do aspecto original.

A cultura cristã, herdeira direta do pensamento judaico, reservará à mulher o mesmo fardo que o judaísmo impôs à Eva. Logo no limiar do Cristianismo, o mais importante dos apóstolos, São Paulo, introduzirá no pensamento Cristão o feroz e brutal antifeminismo judaico, a ideia de que a mulher foi tirada do homem, e isso custou-lhe o princípio da subordinação. Simone Beauvoir (2016a, p. 134) faz citações das primeiras referências paulinas ao ser feminino: “Assim como a igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetem-se as mulheres a seus maridos”. Assim, aquele direito, segundo o qual o homem teria prioridade sobre as mulheres, começa a ser desvelado, buscando afirmar-se naquilo que se revelaria em uma das maiores estruturas do mundo ocidental: a Fé Cristã.

Por conseguinte, após a forte influência da teologia paulina, uma vez que, sendo Paulo autor de vários livros do Novo Testamento, portanto, tinha autoridade intelectual considerável. Paulo apóstolo afirmava que as mulheres deveriam sujeitarse aos seus maridos. Para tanto, buscaram pôr na mulher a culpa pela decadência da humanidade.

Beauvoir (2016a) apresenta os discursos misóginos da primeira turma da igreja que iniciava. Primeiro, Tertuliano: “Mulher, és a porta do diabo. Persuadiste aquele que o diabo não ousava atacar de frente. É por tua causa que o filho de Deus teve que morrer; deverias andar sempre de luto e de andrajos” (BEAUVIOR, 2016a, p. 134).

Em seguida, Santo Ambrósio: “Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão” (BEAUVoir, 2016a, p. 134). E, ainda, São João Crisóstomo: “Em meio a todos os animais selvagens não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher” (BEAUVoir, 2016a, p. 134). Com tanto ódio à mulher e opiniões daqueles que pela autoridade que lhes fora outorgada, o que restava, evidentemente, era termos uma sociedade antropocêntrica, sexista e misógina.

Fica evidente nas citações acima o papel central da mulher no pensamento da Igreja primitiva: o da culpabilidade. Tal postura dos primeiros teólogos deve-se ao fato de que a turma que compunha os primeiros teólogos era, sobremaneira, composta de homens, os quais aprenderam na cultura judaica a ideia de supremacia masculina, resultado do domínio da sociedade patriarcal hebreia.

Como filho direto do judaísmo, coube ao cristianismo moldar-se nos ditames judaicos, em que a figura masculina impera em todo e qualquer sentido. Basta um simples e rápido olhar na história cristã e lhe observará o império do homem. Por exemplo: o Deus dos cristãos e judeus é e tem nome de homem, Jeová. O libertador dos judeus, é homem, é o filho do homem. E em toda história anterior ao cristianismo dos judeus, a figura masculina é, categoricamente, superior. Sejam reis, juízes, patriarcas, sacerdotes, seja como for, sempre aparece a figura do masculino.

Mas, a cruzada antifeminina não parou por aí, os considerados doutores da igreja como Santo Agostinho e Tomás de Aquino, engrossam a saga pelo desprezo à mulher, pensam que ela é um homem falhado, incompleto. Esse pensamento dos chamados padres da igreja influenciará, sobremodo, os imperadores que virão. Segundo Beauvoir (2016a, p. 135), sobre a legislação: “[...] honra a mulher como esposa e mãe, mas a escraviza a essas funções; não é de seu sexo, mas de sua situação no seio da família que percorre sua incapacidade”.

Aquilo que era mero preceito espiritual, ganha *status* de lei, a submissão feminina tornar-se-á tanto legítima quanto legal. Como consequência, restou à mulher o espaço privado da casa e do lar, suas ocupações serão domésticas e relegadas à margem da sociedade. O espaço público será de domínio dos homes, eles decidirão o destino da cidade. Elas se acomodarão submetidas e resignadas ao recanto de casa.

Um fenômeno surge com a escravização da mulher – as prostitutas, essas podiam não lavar, arar a terra ou limpar a casa, mas isto não significa que não fossem subjugadas. Segundo Beauvoir (2016a, p. 144), “O Cristianismo despreza-as, mas

aceita como um mal necessário". Ainda segundo a filósofa, quando se afirmou: "Suprime as prostitutas e perturbareis a sociedade com a libertinagem" (SANTO AGOSTINHO, s.d. *apud* BEAUVOIR, 2016a, p. 144), reservou-se ao homem o direito canônico de ir buscar prazer fora do lar. A prostituição, ao invés de ser combatida, foi consagrada ao homem como um presente, um direito de fartar-se sexualmente, em contrapartida da degradação humana e existencial que a prostituição causou.

Eliminai as mulheres públicas do seio da sociedade, e a devassidão e a perturbará com desordens de toda espécie. São as prostitutas, numa cidade, a mesma coisa que uma cloaca num palácio; suprimia a cloaca e o palácio se tornará um lugar sujo e infecto (TOMÁS DE AQUINO, s. d. *apud* BEAUVOIR, 2016a, p. 144).

O mal necessário – as prostitutas –, tão candidamente aceito pelos doutores da igreja; não passam do que há de pior na sociedade, são aceitas e até recomendadas por exercerem uma função relegada às piores comparações. O que haveria de pior? Poderia o pensamento cristão insinuar comportamento tão degradante às mulheres? Essas mulheres submetidas à prática da prostituição

[...] eram legalmente tachadas de infames, não tinham nenhum recurso contra a polícia e a magistratura, bastava a reclamação de algum vizinho para que as expulsassem de suas casas. Para a maioria delas, a vida era difícil e miserável. Algumas viviam encerradas em casas públicas. (BEAUVOIR, 2016a, p. 145).

Ser mulher não é tarefa das mais fáceis, ser mulher e prostituta, então, beirava a degradação moral, existencial. O fenômeno da prostituição perpassou séculos, pode até ter se sofisticado em tempos modernos, mas o papel redutor da mulher, a coisificação em detrimento de sua humanidade é ainda degradante. O que espanta não é só o surgimento do fenômeno – prostituição, mas que teólogos renomados, homens declarados santos, tenham dado respaldos teóricos a tais práticas. O prejuízo feminino dessa submissão é imensurável.

Se, a prostituição foi necessária à organização da cidade, com as casas de tolerância, por que a cidade não arcou com o ônus de ter consentido? Por que só as mulheres foram prejudicadas em tal organização social?

Os prostíbulos foram considerados por teólogos como Tomás de Aquino como algo necessário à sociedade, como meio de se controlar a devassidão. Ora, se tal premissa fosse justa e verdadeira, seria o mesmo que incentivar o crime para

encontrar utilidade nos presídios. A prostituição foi e sempre será um mal desnecessário em qualquer contexto histórico. O que está se falando quando remetemos aos prostíbulos é a falta de dignidade humana que se impõe às mulheres. A ideia da prostituição como uma espécie de “lavanderia de necessidades atávicas” masculinas, por si só nefasta e perversa, só contribui para o distanciamento da emancipação feminina. Em qualquer contexto histórico que se analise o incentivo às casas de tolerância, tal incentivo é pernicioso, afasta mais ainda a possibilidade da mulher lutar por igualdade de direito, esse tipo de pensamento é um desserviço à luta da mulher, portanto, deve ser objetado.

Entendemos, nesse trabalho, o fenômeno da prostituição como um ato infame que não se justifica em nenhum período da história. Mesmo em situação limite como as guerras, por exemplo, a prática da prostituição continua nefanda. Mas, não negamos o aspecto consentido das cortesãs, as quais optavam livremente por tais escolhas. Ser amante, para elas, não era uma mera prostituição.

Até aqui, analisamos como o papel da mulher foi se tornando submisso, ao passo que os homens iam ganhando espaços cada vez maiores. Isso tornou a mulher invisível, sem autonomia e garantias de direitos básicos, de invisíveis a excluídas, foi um passo. É o que veremos a seguir.

3 EXCLUINDO AS FILÓSOFAS

Inicialmente, fora abordado a negação da mulher, tanto no aspecto de gênero, sexualmente, físico e biológico. Essa negação é histórica e secular. Didaticamente, pode-se dizer que, desde a idade antiga até o mundo contemporâneo houve a dominação androcêntrica. Doravante, analisar-se-á a negação das mulheres na filosofia e questionarmos: sobre as filósofas, quem são elas? O que produziram? À luz do pensamento de Simone de Beauvoir (2016b), no livro *O segundo sexo, A experiência vivida*, e, de Alicia Puleo (2004), em seu artigo *Políticas públicas e igualdade de gênero* far-se-á tal investigação.

3.1 MITOLOGIA: A SERVIÇO DE QUEM?

Na Grécia Antiga, as explicações mitológicas tinham autoridade correspondente à ciência moderna. Dissesse o que dissesse, sendo da mitologia do Panteão Grego, teria validade como sendo a verdade, principalmente dito pelos Poetas-Rapsodo. Pois bem, começando por Pandora, a primeira culpada. Segundo Puleo (2004, p. 13), “Pandora tinha aberto a caixa de todos os males do mundo e, consequência, as mulheres eram responsáveis por haver desencadeado todo tipo de desgraça”. Assim, fica óbvia a visão da mitologia, que demonstrara a incapacidade da mulher em tomar qualquer iniciativa ou decisão, quando tomou, deu em desgraça. Todas as mazelas que no mundo tem uma única culpada: Pandora. O corolário do erro de Pandora é a incapacidade cognitiva da mulher ante a tomada de decisão, por sua ação, os males afligem todos os homens.

Há, ainda, outros mitos que narram a fragilidade feminina como o de Medeia que, incapaz de manter o próprio marido, mata os filhos como por vingança pela rejeição marital. Ela é incompetente inclusive no papel de esposa, segundo a mitologia.

Em Tróia, Helena é a culpada pela guerra mais conhecida do mundo antigo grego. O que ela tem de melhor, sua beleza, é motivo cabal de fazer brotar dez anos de guerra de Tróia; o general Ulisses tem a vida atormentada por ninfas ou pelo canto das sereias. É o herói, que venceu Tróia, o general estratégico que derrubou o reinado de Heitor e Príamo, atormentado por seres inferiores, que por falta de grandeza intelectual, perturbam o retorno de Ulisses a sua Penélope. O relato de Homero não

deixa espaço para heroínas, apenas homens heróis e fêmeas vilãs. Desse modo, o discurso da mitologia foi no sentido de legitimar a hierarquização dos homens em detrimento das mulheres.

No mito do fio de Ariadne, os habitantes de Atenas eram condenados a pagar um tributo a Minos, devido à morte do filho deste. Deveriam viajar até Creta, onde Minos escolheria aqueles que seriam presos a um labirinto e jogados como alimentos ao Minotauro, monstro que residia nesse labirinto. Para acalmar os atenienses, que temerosos quanto a esse desafio murmuravam contra seu pai, Tseu assume o compromisso de partir para Creta e enfrentar, sem armas, o Minotauro. Com a chegada de Tseu e seus companheiros, Minos promete que, se conseguissem matar o Minotauro para o qual seriam jogados como alimentos, os jovens poderiam retornar em liberdade à Atenas. Porém, antes de ser fechado no labirinto, Tseu conhece Ariadne, filha de Minos. A jovem se apaixona por Tseu e oferece-lhe uma ajuda, caso ele prometa desposá-la e levá-la à sua pátria. Tendo o consentimento de Tseu, Ariadne entrega-lhe um rolo de fio que, uma vez desfilado pelo percurso em direção ao Minotauro, poderia conduzi-lo pelo caminho de volta do labirinto. Tseu mata o minotauro com socos e consegue sair do labirinto, seguindo o fio de Ariadne. Segundo Brandão (1987, p. 162),

Pelo mesmo fato de o Labirinto, em que está escondido o monstro simbólico, ser o inconsciente de Minos, este adquire, de per si, uma significação simbólica: retrata o ‘homem’ mais ou menos secretamente habitado pela tendência perversa da dominação.

A maioria dos gregos tinha uma ideia misógina e machista com relação às mulheres. Para eles, elas eram portadoras de uma natureza defeituosa por excelência, por serem descendentes da primeira mulher, Pandora, e esta, embora possuísse a beleza das deusas, era apenas um castigo e flagelo aos mortais. Pandora, assim como sua descendência, é denominada por Hesíodo na *Teogonia* como “um mal travestido de bem (...) uma grande pena que habita entre os homens”. A única coisa tida como positiva dos gregos com relação às mulheres é de serem exemplo de esposas, o que, de certa forma, só demonstra o lugar onde os gregos enxergavam suas mulheres.

3.2 RELATOS BÍBLICOS

A narrativa bíblica ao prejuízo humano em perder o paraíso tem na mulher a maior culpada. Para Puleo (2004, p. 13) “Na tradição judaico-cristã, o relato da expulsão do paraíso tem essa função. Eva é a Pandora judaico-cristã, porque, por sua culpa fomos desterrados do paraíso”. Eva, não tendo capacidade moral e, fruto proibido, tentou o inocente Adão, levando-o ao erro. O pobre homem foi vítima da astúcia da mulher. O fracasso de Adão tem nome: uma mulher.

Como foi dito anteriormente, o papel encontrado para as mulheres nas sociedades de domínio masculino era o da culpabilidade. Mais uma vez essa lógica nefasta é utilizada no fracasso de Adão. Pois bem, no mito de Pandora ou na narrativa bíblica do Genesis, a mulher é eleita para fazer o papel sujo da história. Ao homem, coube o benefício da ingenuidade, daquele que age de boa-fé. O rescaldo histórico dessas narrativas embasou a ideia de que a mulher seria incapaz de alguma grandeza, estava sempre falhando como Eva ou Pandora, carregavam em si o germe da destruição humana, não seriam confiáveis para alguma proeza benéfica. Assim, criou-se uma função pra as mulheres, assumir a culpa toda vez que os homens errassem.

Ainda em contexto bíblico, vê-se na cultura judaica o apedrejamento da mulher adúltera, nada se diz do homem que estava com ela, adúltero também. Sua sorte naquele instante foi a presença de Jesus que tenta resgatar a dignidade da mulher. O mesmo Jesus que dialogava com as mulheres, com as prostitutas, mesmo em público, numa demonstração inconfundível de que a igualdade era algo necessário.

Porém, com o advento do paulinismo – principal corrente teológica na fundamentação cristã –, o cristianismo se desenvolve considerando a mulher como a perdição dos homens. Para Paulo, o apóstolo, as mulheres nem deveriam falar na igreja, sua função era a submissão, primeiro ao pai, depois ao marido. Daí o porquê de os pais da igreja terem aversão à mulher, beirando a misoginia. Os relatos dos primeiros filósofos cristãos vão nesse sentido e já foram citados anteriormente neste trabalho. Apenas para confirmar o que foi dito, Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*, demonstra como pensava Santo Agostinho: “A mulher é um animal que não é seguro nem estável, é odienta para tormento do marido, é cheia de maldade e é o princípio de todas as demandas e disputas, via e caminho de todas as iniquidades” (BEAUVIOR, 2016a, p. 142).

Via de regra, esse era o pensamento dos demais doutores da igreja de sua época. Outras mulheres citadas na bíblia têm função semelhante ao que narra Agostinho de Hipona: é Dalila que engana Sansão; a mulher de Ló que desobedece e torna-se estátua de sal; a mulher de Urias, Bete-Seba, que seduz o Rei Davi; se fosse relatar todos os casos em que a mulher foi negada nos textos bíblicos, enfadonha se tornaria esta investigação.

3.3 NO CAMPO DA CIÊNCIA

Se na mitologia e religião a força intelectual da mulher não foi reconhecida, ao menos no campo científico se espera tal reconhecimento. A legitimação androcêntrica foi embasada pela mitologia e religião, mas esses tipos de conhecimento são demasiados abstratos de pseudociências. Já o saber científico, com sua validade empírica e demonstrativa, tornou-se, pelo menos na modernidade, um saber alcançado a categorias mais elevadas. Para salvar a intelectualidade feminina, a ciência seria o último recurso disponível à emancipação da mulher. Com efeito, se faz a seguinte questão: Qual o papel da mulher na ciência? Como ela contribuiu para cultura?

Do período antigo ao medieval, a estrutura da sociedade patriarcal tratou em tentar tornar invisível as mulheres, dificultando e impondo regras sexistas e misóginas às mesmas.

A sociedade feudal foi, sem dúvida, patriarcal e, para muitos autores, estaríamos falando de uma época histórica na qual as mulheres estavam obrigadas a circular exclusivamente na esfera privada. E, ainda assim, estaríamos falando de uma circulação somente permitida dentro dos limites da casa paterna, da casa marital ou do convento. Esta ideia está certamente reforçada pela grande difusão que as teorias misóginas alcançaram na Idade Média. Desde os primeiros momentos da História da Mulher, pode-se observar a insistência com que se recorre ao pensamento dos teóricos antigos e medievais sobre a condição feminina para afirmar a submissão da mulher medieval. Desta forma, são muito comuns as citações de fragmentos de Aristóteles, São Paulo, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Este último foi realmente importante para a construção do discurso misógino do século XIII, na medida em que recuperou a parte mais radical do pensamento agostiniano com relação às mulheres. Em suas famosas Sumas Teológicas, São Tomás discorre sobre vários temas, que têm como centro de preocupação a construção teórica e filosófica da existência e da condição feminina. Assim, ao longo de suas considerações emerge o pensamento de Aristóteles: 'Femina est aliquid deficiens et occasionatum'; de São Paulo: 'Primo et principaliter propter conditionem feminei sexus, qui debet esse subditus viro'; e de Santo Agostinho: 'Imago Dei invenitur in viro..., non invenitur in muliere' (NASCIMENTO, 1997, p. 85).

Sem embargo, a sociedade feudal reflete a ideia do período medieval, no tocante à presença feminina, ou melhor, sua ausência do espaço público. O espaço feudal é restrito e limitado aos homens de negócios, clero exclusivamente masculino, senhores de terra. A presença feminina no espaço religioso é o confinamento dos mosteiros e conventos. No âmbito comercial elas não existem.

Uma sociedade assim jamais permitiria a ascensão de mulheres no mundo dos negócios, na administração dos feudos ou na administração pública. Tal sociedade, inspirada no patriarcado e senhorio, reservava apenas o espaço doméstico às mulheres. Não havia oportunidade de elas progredirem na cidade ou outras atividades, senão o cuidado com o lar, a educação das crianças, dos idosos e, sobretudo, cuidados maritais somados à função reprodutiva.

E esse modo de ser da sociedade feudal estava idealmente fundamentado nos antigos teóricos, de modo mais aguçado, nos escritos dos pais da igreja, aqui já citados. As chances últimas de reverter uma sociedade assim era demasiado complexo, dada a estrutura com a qual se ergueu. Assim, as mulheres aguardariam um novo contexto histórico no porvir, a fim de encampar novas lutas. A modernidade, quiçá, traria novos ventos de mudanças que reconhecessem, ao menos, a igualdade de alguns direitos, tão negados nas sociedades feudais.

No mundo moderno e com a valorização da razão e da ciência, surge a expectativa da produção intelectual científica da mulher. Porém, segundo Puleo (2004, p. 17) “[...] não somente o mito e a religião são discursos de legitimação, também as ciências têm funcionado como discursos de legitimação da desigualdade na sociedade e seguem frequentemente, em maior ou menor medida, cumprindo essa tarefa”. Mesmo na instauração das democracias modernas, à luz da ciência e da razão, as mulheres foram excluídas da cidadania, não poderiam votar, não produziriam ciência por sua debilidade, incapacidade, seu lugar seria o mesmo de outrora: o lar, a maternidade, o recolhimento, em uma palavra, a submissão.

Basta ver os dados dos ganhadores do prêmio Nobel desde que os primeiros foram concedidos em 1901 e teremos apenas 5% dos quase 900 premiados sendo para mulheres. Há, também, outros casos em que mulheres desenvolveram teses científicas, mas que os homens foram os premiados. Por exemplo, o caso de Rosalind Franklin, que desenvolveu a fotografia 51⁵, um avanço no estudo da genética, todavia,

⁵ FOTOGRAFIA 51: Nos anos 1950, as mulheres ainda eram extremamente desvalorizadas na academia. Em muitas universidades, por exemplo, apenas homens tinham permissão para utilizar os

um trio de cientistas masculinos foi reconhecido pela academia e recebeu o prêmio, assim, não reconhecendo os trabalhos da verdadeira autora. Não cito os nomes dos vencedores usurpadores como um simples protesto tardio.

Em 1903, a polonesa Marie Curie (1867-1934) ganhou o prêmio Nobel de física, mas é bom e útil lembrar que ganhou ao lado do marido Pierre Curie. Historicamente, o fato é lembrado do seguinte modo: ganhou o casal.

Marie Curie, química e física, se formou na clandestinidade por ser mulher. Para ela foi preciso sair da Polônia para a França para poder cursar a universidade. No entanto, foi a primeira mulher a receber um Nobel em física e outro em química. Também foi a primeira mulher a lecionar na universidade de Sorbone em Paris. (VIDAL, 2017, n. p.).

A última mulher a receber a premiação foi a bielorrussa Svetlana Alexiévich (literatura), em 2015. Como se constata, a intelectualidade feminina é tênue e frágil. Dito melhor, apesar de serem intelectualmente capazes, lhes fora negado o direito de produzir ciência; quando o fizeram, não foram reconhecidas, tornando-as fragilizadas. Como assevera Vidal (2017), em seu artigo *Mulheres na ciência: a invisibilidade e o reconhecimento necessário*:

Sabemos que não basta mapear nomes que contribuíram significativamente para o desenvolvimento científico. As mulheres que se dedicavam às pesquisas eram tidas como assistentes de seus companheiros ou tutores, eram proibidas de ir ao campo de pesquisa, tinham uma participação quantitativa sempre muito baixa, bem como as vagas ocupadas por mulheres investigadoras nos institutos de pesquisas eram igualmente um número inferior ao dos homens. Foi a partir da segunda metade do século XX que as mudanças começaram a ocorrer, com o fortalecimento do movimento feminista. (VIDAL, 2017, n. p.).

No Iluminismo, com a ciência e a razão em voga, havia a expectativa do reconhecimento intelectual das mulheres, era a hora da emancipação. A sugestão intelectual de Kant (2010) era ousar saber, ou melhor, atreva-se a pensar por si mesmo. Como assevera Puleo (2004, p. 17), as pessoas deveriam “[...] abandonar esse mundo de autoridades religiosas e hierarquias estamentais, que limitavam o

restaurantes do campus, e diversos estabelecimentos não permitiam a entrada de mulheres, sobrando a elas os espaços exclusivamente femininos (que não costumavam ser exatamente científicos). A "fotografia 51", de autoria de Franklin, que foi o melhor registro fotográfico do DNA feito até então. (<https://canaltech.com.br/internet/mulheres-historicas-rosalind-franklin-a-injusticada-mae-do-dna-78101/>).

pensamento e a liberdade, e se animar a mudar as estruturas sócias com base no direito natural que afirmava a igualdade de todos os homens".

Mas o próprio Kant (2010), pensador da autonomia, parece inclinar às mulheres uma função de cuidadora do macho, elas deverão cuidar da casa e do homem, este sim um ser produtivo que sai de casa em busca de realizar seu trabalho e participar da política. A filosofia das luzes e da ciência tem um modelo político e social em mente: a sociedade burguesa e do espírito capitalista, nesta sociedade a função doméstica da mulher é *conditio sine qua non* para a confirmação da dominação masculina.

Quando Kant (2010) diz “*sapere audere*”, o diz, portanto, aos machos. Embora Kant (2010) incentive os humanos a ousarem na busca por uma autonomia intelectual e, neste ínterim, lembre o ‘Belo sexo’, ele o faz com mera referência, cita entre parênteses, não escreve um texto dirigido exclusivamente às mulheres, ao menos as citando de forma mais categórica.

Até no campo da ciência, onde se espera o predomínio da razão, as mulheres foram reduzidas a meras ajudantes. Mesmo quando elas foram as cientistas de fato, tiveram que atribuir seus experimentos e descobertas a um outro autor, fosse seu marido ou fosse algum colega de pesquisa. Isso fez sumir os raros nomes femininos que surgiram nos laboratórios de pesquisas ou mesmo nas academias.

A condição humana feminina não fora respeitada no mundo de outrora e nem reconhecida plenamente no mundo contemporâneo. O espaço atual ainda é demasiado masculino, mulheres perdem bolsas de estudos por estarem grávidas, são penalizadas por terem que acompanhar os filhos quando adoecem ou têm que darem conta dos trabalhos domésticos. Tal condição foi imposta pela sociedade, tirando da mulher as condições de igualdade na produção científica, não há como negar que a mulher precisa de um esforço redobrado para alcançar o mesmo posto que o homem.

Os motivos que levam a essa inequidade entre os gêneros em posições de destaque e comando na Ciência, Tecnologia e Inovação podem ser atribuídos a uma chegada quantitativamente mais tardia do gênero feminino nestas áreas, associada à falta de incentivos que permitam a pesquisadora conciliar sua carreira acadêmica com a maternidade, e igualmente à cultura sexista que exclui e limita a participação efetiva de um maior número de mulheres em áreas científicas (SOUZA; *et al*, 2017, n.p.).

Vale ressaltar que o que aqui está exposto refere-se à regra geral, pode até ter casos isolados que digam diferente, que não sofreram tal opressão, contudo, o bom senso lógico autoriza a reflexão geral e, neste aspecto, a maioria das mulheres

padecem do mesmo mal, qual seja, sua condição “natural” ou a condição que lhe foi imposta. A condição não pode ser confundida com a masculina, o que se busca é a igualdade dos direitos, pois, grosso modo, mulher é diferente de homem, isto é óbvio insofismável, mas o ser humano deve ser o mesmo em aspectos sociais, jurídicos e políticos.

3.4 MULHERES NA FILOSOFIA

Embora haja mulheres reconhecidas como filósofas, o número delas é bastante reduzido. Como diz Puleo (2004, p. 23), “Se olharmos os manuais, chegaremos à conclusão de que nunca existiram [...]”, é o que se constata. Quando se quer a valorização da mulher, reconhecê-las como pensadoras e intelectuais é uma forma de se fazer justiça com elas e torná-las visíveis no âmbito filosófico.

Ao analisar a história, percebe-se que elas eram quase invisíveis. Vez ou outra, algum manual lembrava a mulher de imperador, de um rei ou general, mas, sempre como mulher de alguém, exceção raríssima de Cleópatra. Dava até para pensar ser ela a única mulher do mundo antigo. Como sempre o mundo foi concebido e dominado pela visão androcêntrica, não é difícil imaginar o quanto penoso e complexo é resgatar a história das mulheres, sobretudo das filósofas.

É difícil recuperar o passado filosófico feminino [...] porque o que as mulheres fizeram no passado não era reconhecido como valioso. Por isso, não se guardava. Não é uma causalidade que a maior parte dos escritos das pensadoras tenham desaparecido. Simplesmente, não se considerava digno de reconhecimento (PULEO, 2004, p. 24).

Como responder a aporia, onde estavam as filósofas? Simplesmente elas estavam, mas, as tornaram invisíveis na história. Não estavam nos debates públicos, não estavam na Academia de Platão ou no Liceu de Aristóteles e, quando estavam, não foram reconhecidas, o que disseram ou escreveram ficou perdido por alguma “causalidade” em nome da supremacia androcêntrica.

Contudo, é mister investigar pelas filósofas, se existiram, quando, o que disseram. Pois bem, há que se resgatar nomes de mulheres que contribuíram para o arcabouço filosófico, vale lembrar seus nomes, independentemente do aspecto

cronológico; filósofas como Hanna Arendt⁶, Hypatia de Alexandria, Judith⁷ Butler, Simone de Beauvoir, Rosa Luxemburgo⁸, Marilena Chauí⁹, Aspácia de Mileto, Olympe de Gouges, Safo de Lesbos, Ayn Rand¹⁰, entre outras.

A influência dessas pensadoras foi de grande importância para o reconhecimento da capacidade feminina de produzir conhecimento em colaboração com os homens, como fez Simone de Beauvoir com Sartre. Malgrado às comparações que surgem, nas quais muitas vezes, as mulheres ficam à margem, coadjuvantes, a ajuda mútua entre homens e mulheres só contribui para o avanço do conhecimento. O papel da filosofia neste campo é a compreensão das lutas feministas e do engajamento político de todas, inclusive dos homens.

⁶ HANNA ARENDT: A amplitude de seu pensamento pode ser constatada nas pesquisas realizadas nas mais variadas áreas do conhecimento, entre as quais destacamos o direito, a ciência política, a literatura, as relações internacionais, a administração, a educação e a filosofia. Testemunha dos acontecimentos nefastos de duas grandes guerras mundiais, as motivações de seu pensamento encontram raízes na turbulência social e política da primeira metade do século XX. (CORTÉS, 2015, p. 194).

⁷ JUDITH BUTLER: Butler é professora na Universidade da Califórnia, em Berkeley. É formada em Filosofia pela Universidade Yale, adquirindo nesta mesma Instituição seu Doutorado em Filosofia, onde teve, posteriormente (1987), publicada sua tese intitulada: *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*. Ela trabalha com diversos temas, como: gênero, teoria queer, filosofia judaica, feminismo, filosofia política, ética, entre outros. Além de pesquisar essa gama de assuntos, é militante da causa transexual e intersexo. (PACHECO, 2015, p. 374).

⁸ ROSA LUXEMBURGO: É, até hoje, a maior pensadora marxista desde a concepção da obra marxiana. À sua altura, poucos pensadores podem ser mencionados, entre eles Lenin e Lukács. Essa distinção por si só, torna obrigatória a menção de seu pensamento em qualquer estudo sobre a Filosofia produzida pelo gênero feminino. E ainda que Rosa tenha como formação e preocupação inicial a Economia e as teses da teoria econômica, suas reflexões sobre a ação política, o colapso do capitalismo, a Revolução socialista e outros temas relevantes, a tornam uma pensadora fundamental para a Filosofia Política. (GOMES, 2015, p. 152).

⁹ MARILENA CHAUÍ: Filósofa brasileira, do ponto de vista da sua produção, a ética e a política são seus assuntos mais recorrentes, aliados sempre a um apreço declarado à introdução do discurso aliado a um embasado contexto histórico.[...] Para poder determinar uma linha de pensamento dentro da vasta obra de Chauí foram escolhidas três obras da década de oitenta que mostram uma autora profundamente ligada às lutas de classes, assim como um forte senso político. Para fins de direcionamento, procuraremos identificar nessas obras: a ideologia da autora no livro *O que é ideologia*; como ela comprehende que essa ideologia molda a sociedade no qual ela vive na obra *Conformismo e Resistência*; e por fim, como a sociedade na qual ela vive molda a mulher em aspectos sociais e sexuais em *Repressão Sexual*. O objetivo aqui trata-se de pelo menos apresentar nessas linhas a Marilena Chauí dos anos oitenta. (SOUSA, 2015, p. 318 - 319).

¹⁰ AYN RAND: Foi uma romancista e filósofa russa americana que em vida tornou-se uma figura famosa e controversa. [...] Ayn Rand fundamentou a sua filosofia na lógica e na razão e estas são as suas bases centrais de argumentação. Em seu discurso nota-se que a racionalidade é a principal virtude do homem e a razão o instrumento para realizar juízos de valor e guiar a ação. No Objetivismo encontra-se sua metafísica na realidade objetiva, a epistemologia na razão, a ética no egoísmo racional e a política no capitalismo laissez faire. (MARKS, 2016, p. 181 - 187).

Creio que o feminismo é atualmente uma das formas mais importantes de aproximação da filosofia com a cotidianidade. (...) permite que a venerável 'mãe de todas as ciências' recupere o que nunca devia deixar de ser: um pensamento apaixonado pela nossa existência, nossa realidade e nosso futuro comum (PULEO, 2004, p. 30).

Infelizmente, a grande maioria das universidades brasileiras ainda não reproduz em seus programas educativos conteúdos feministas produzidos nos últimos 50 anos. Os cursos das Ciências Humanas permanecem alicerçados aos textos sexistas, androcêntricos e eurocêntricos. Ainda presenciamos nos cursos de filosofia a escassez de mulheres pensadoras.

São muitas as dificuldades enfrentadas por mulheres no meio acadêmico, vão além da invisibilidade, competição e da demonstração de excelência acadêmica.

Atualmente os estudos acerca das relações de gênero no pensamento filosófico vêm tomando maiores proporções, porém, ainda há uma escassez de trabalhos voltados a este tema – principalmente aqui no Brasil. Este é um estudo que se faz emergente na medida em que notamos certa negligência para com as produções filosóficas do público feminino. Isto se apresenta visível nos cursos de graduação e pós-graduação em filosofia, onde o número de mulheres é quase nulo. Por que não são trabalhadas filósofas nos cursos de filosofia? Por que elas não são mencionadas? Não é por haver inexistência de produções e teorias filosóficas de mulheres, mas por haver falta de reconhecimento daqueles que atuam na filosofia. Mas por que isso ocorre? Será que as mulheres possuem uma capacidade intelectual distinta da dos homens? Seus textos apresentam algum aspecto em especial por serem escritos por mulheres? (SILVA, 2016, p. 16).

Essas perguntas fazem parte de toda uma investigação, de toda uma luta na busca de reconhecimento, da importância, de toda uma produção filosófica, científica, artística e política de mulheres filósofas no decorrer da história da filosofia. É estranho pensar que a filosofia, que tanto problematiza liberdade, consciência, criticidade e tantas outras particularidades que a fazem ser o que é, conseguiu deixar que as mulheres fossem tratadas de uma forma tão invisível, inferior e injusta.

É imprescindível perguntar, como essa negação ao reconhecimento intelectual das mulheres, sobretudo na filosofia, descambou em prejuízo, não só para as mulheres, como também da própria filosofia, uma vez que se a filosofia pretende ser libertadora das ignorâncias, preconceitos e desigualdades, como não reconhecer às mulheres, capacidade cognitiva e intelectual para sua produção filosófica? O que reclamamos aqui é a presença intelectual das mulheres filósofas, materializadas por constar em nossos livros didáticos do Ensino Médio, suas falas, experiências, saberes, em uma palavra, o filosofar das mulheres filósofas.

4 ROTEIRO METODOLÓGICO

Nesta parte do trabalho, mostraremos o tipo de pesquisa que fora realizada, ou seja, como se desenvolveu o roteiro metodológico, desde a classificação da pesquisa, o público alvo, coletas de dados e análise da pesquisa.

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas), e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) (MINAYO, 2009, p. 14).

A pesquisa utilizada no desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa qualitativa. A vantagem da pesquisa qualitativa é a possibilidade que a pesquisadora ou pesquisador têm de serem sujeito e objeto ao mesmo tempo de suas pesquisas.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2009, p. 21).

Uma vez eleita a pesquisa qualitativa, seguiu-se a elaboração de questionários, a partir de entrevistas semiestruturadas, pois, segundo Minayo (2008 *apud* GUERRA, 2014, p. 20), o roteiro das entrevistas “[...] pode possuir até perguntas fechadas, geralmente de identificação ou classificação, mas possui principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de falar mais livremente sobre o tema proposto”.

Não foi eleita nenhuma categoria específica para se fazer as análises. O que foi feito foi a verificação da presença e/ou ausência das mulheres filósofas nos livros didáticos, a partir da análise dos mesmos e das entrevistas com professoras e professores de filosofia do ensino médio.

4.1 EXPERIÊNCIA VIVENCIADA: ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE FILOSOFIA

A disciplina de Ensino da filosofia na sala de aula, componente curricular do mestrado profissional PROF-FILO, despertou a pesquisadora a compreender que a

professora e o professor de filosofia precisam mediar o despertar filosófico em seus alunos a partir da construção de conceitos. Porém, para que isso aconteça, a professora ou o professor precisam também contemplar a visão dos pensadores, para os alunos não se prenderem ao senso comum, mas que se fundamentem na tradição filosófica, no entendimento do contexto histórico, na visão dos filósofos, pois só assim podemos contemplar um saber filosófico que muitas vezes é tratado como mero achismo das coisas, sem que o aluno se dê conta de que sua ideia ou pensamento pode ter sido pensada e fundamentada anteriormente por um filósofo ou filósofa em uma determinada época.

Para conseguir alcançar essa ponte entre a tradição e o tema filosófico, a professora e o professor precisam atrair seus alunos a se apoderarem dos livros didáticos de filosofia, dos textos filosóficos e da atualidade na qual ele se encontra. Para nortear esse caminho filosófico, a aluna e o aluno necessitam de pressupostos metodológicos que o ajudem a responder ou não as suas angústias e inquietações sobre as diversas problemáticas.

Esses pressupostos vão desde o livro didático, que é de suma importância, até os textos filosóficos, textos críticos, filmes, documentários, assuntos da atualidade e também a ajuda do professor. Por meio das discussões no decorrer da disciplina *Filosofia na sala de aula*, pudemos compreender que o entendimento, aprendizado e concepções nunca serão iguais nos alunos, pois cada um parte de sua realidade, de sua visão de mundo e de como são afetados pela filosofia.

Nas aulas vivenciadas pela disciplina *Filosofia na sala de aula*, ministrada pela professora Dra. Shirlene Santos Mafra Medeiros e pelo professor Dr. Marcos de Camargo Von Zuben, além de discutirmos acerca do ensino de filosofia no ensino médio, tivemos a possibilidade de analisar os livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2018) (BRASIL, 2017), que seriam escolhidos pelos professores do Ensino Médio.

Na ocasião, os alunos do mestrado, da disciplina *Filosofia na sala de aula*, trouxeram a discussão dos livros didáticos que estavam disponíveis para escolha. E, assim, a sala foi dividida em grupos, em que pudemos discutir sobre o que cada livro contemplava. Na oportunidade, pudemos perceber, além de outras coisas, a ausência das filósofas no contexto histórico-filosófico dos livros didáticos.

Os livros propostos pela PNLD são submetidos às análises dos professores da área, e os mesmos, em comum acordo, optam por àqueles que julgam mais

interessantes aos anseios pedagógicos daquela escola. Os critérios são subjetivos e objetivos como clareza, atualidade, propostas de interação, textos originais, questões de ENEM, entre outros. Estes critérios definem a escolha pelo livro.

A partir disso, a pesquisadora fez uma análise minuciosa sobre a presença e/ou ausência das mulheres filósofas nos livros didáticos que são utilizados pelos alunos e professoras de filosofia no ensino médio. Segue abaixo os livros e suas respectivas análises acerca da presença de mulheres filósofas:

Quadro 1 – Descrição do livro *Filosofia: temas e percursos* (FIGUEIREDO, 2016).

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 1 Natureza e cultura	Natureza e Cultura	Delamarre – Lévi-Strauss – Montaigne – Adornp – Horkheimer – Montesquieu – Rousseau – Pascal
Unidade 2 Razão e paixão	Razão e paixão	Aristóteles – Schopenhauer – Hegel – Nietzsche – Freud – Sêneca – Cícero – Hume – Deleuze – Schiller
Unidade 3 Lógica e Argumentação	Lógica a argumentação	Aristóteles – Frege – Russel -Schopenhauer - Newton da Costa
Unidade 4 Dúvida e certeza	Dúvida e certeza	Platão – Descartes – Galileu – Aristóteles – Tomás de Aquino – Pascal
Unidade 5 Realidade e aparência	Realidade e aparência	Filósofos Pré- socráticos (Homens) – Sócrates – Platão – Sêneca – Montaigne – Diderot – Nietzsche – Novalis – F. Schelegel – Aristóteles – Tomás de Aquino – Kerpler – Giordano Bruno – Galileu – Descartes – Kuhn – Malagrida – Rousseau – Diderot – Voltaire – Hume – Schiller
Unidade 6 Espírito e letra	Espírito e letra	Kant – Arendt – Scheleiermacher – Platão – Aristóteles – Nietzsche – Foucault – Heidegger - Husserl – Marcuse – Sartre - Lacan – Gadamer
Unidade 7 Eu e o outro	Eu e o outro	Arendt – Heidegger – Jaspers – Descartes – Pascal – Merleau-Ponty – Husserl – Sartre – Lacan – Lévi-Strauss - Hegel – Stirner – Voltaire – Diderot – D'Alembert – Rousseau
Unidade 8 Liberdade e necessidade	Liberdade e necessidade	Zenão de Chipre – Cleantes – Crisipo – Panécio – Sêneca – Aristóteles – Aulo Gélio – Hume – Karl Marx – Engels
Unidade 9 Ordem e caos	Ordem e caos	Agostinho – Platão Husserl – Freyre – Buarque de Holanda – Pado Jr. – Descartes – Leibniz – Espinosa

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 10 Continuidade e ruptura	Continuidade e ruptura	Aristóteles – Newton – Galileu – Torricelli – Kepler – Platão – Hegel – Rousseau – Condorcet – Kant – Marx
Unidade 11 Princípio e ruptura	Princípio e temporalidade	Platão – Sócrates – Justino – Clemente de Alexandria – Orígenes – Agostinho – Kant – Hume – Locke – Leibniz – Popper – Friedman – Hayek
Unidade 12 Finito e infinito	Finito e infinito	Parmênides – Zenão de Eléia – Sócrates – Aristóteles – Descartes – Malebranche – Leibniz – Santo Agostinho – Anselmo

Fonte: Elaboração própria.

Podemos analisar que no livro *Filosofia: temas e percursos*, organizado por Vinícius de Figueiredo, que a única filósofa que aparece é Hannah Arendt, na unidade 6, tratando da questão do indivíduo e a coletividade, em que é trabalhado um fragmento de seu livro *As origens do totalitarismo*. Nas outras unidades com seus respectivos capítulos inexiste a presença de outras filósofas.

Quadro 2 - Descrição do livro *Filosofando: introdução à Filosofia* (MARTINS; ARANHA, 2016).

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 1 Descobrindo a filosofia	A experiência filosófica As origens da Filosofia	Sócrates – Luc Ferry - Pré-Socráticos (Homens)
Unidade 2 A condição humana	Natureza e cultura Linguagem e pensamento Trabalho, consumo e lazer	Cassirer – Adam Schaff – Francis Bacon – Descartes – Locke – Karl Marx – Horkheimer – Lipovetsky
Unidade 3 Conhecimento e verdade	O que podemos conhecer? Ideologias: as ilusões do conhecimento Lógica: aristotélica e simbólica A busca da verdade: Antiguidade e Idade Média Filosofia moderna e crise da metafísica Filosofia contemporânea	Nietzsche – Descartes – Poincaré – Górgias - Leontini – Kant – Hume – Pirro – Montaigne – Aristóteles – Karl Marx – Freud – Engels – Destutt Tracy – Grasmi – Habermas – Paul Ricouer – Sofistas – Platão – Arístoteles – Newton Costa – Pre-Socráticos (homens) – Santo Agostinho – Ockham – Bacon – Locke – Hegel - Comte – Schopenhauer – Kierkegaard – Husserl – Peirce – Adorno – Marcuse Horkheimer – Benjamin – Deleuze
Unidade 4 Filosofia moral	Moral, ética e ética aplicada Ninguém nasce moral	Kant – Nietzsche – Hume – Cortina – Martinéz – Pascal – Kholberg – Habermas – Sócrates – Aristóteles – Taine – Alain – Sartre – Heidegger –

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
	Podemos ser livres? A felicidade: amor, corpo e erotismo Teorias éticas: abordagem cronológica	Merleau-Ponty – Dostoievski – Misrahi – Aristóteles – Platão – Descartes – Espinosa – Freud – Marcuse Foucault – Lipovetsky – Leopoldo – Beauvoir – Platão – Epicuro – Agostinho – Stuart Mill
Unidade 5 Filosofia política	A construção da democracia Direitos humanos Política antiga e medieval Da construção do Estado moderno ao liberalismo Teorias socialistas Política contemporânea	Maquiavel – Weber – Platão – Lefort – Bobbio – Arendt – Hobbes – Locke – Kant – Beccaria – Rousseau – Sócrates – Platão – Agostinho – Tomas de Aquino – Montesquieu – Hegel – Karl Marx – Engels - Adorno – Marcuse Horkheimer – Benjamin – Keynes
Unidade 6 Filosofia das ciências	Ciência, tecnologia e valores Ciência antiga e medieval Revolução Científica e método das ciências naturais O nascimento das ciências humanas	Fourez – Tales de Mileto – Platão – Pitágoras – Aristóteles – Agostinho - Averróis – Tomás de Aquino – Pascal – Galileu – Descartes – Kneller – Popper – Kuhn – Comte – Spencer – Marx – Weber
Unidade 7 Estética	Estética: introdução conceitual Cultura e arte Arte como forma de pensamento A significação na arte Concepções estéticas	Locke – Hume – Platão Kant – Adorno – Horkheimer – Dufrenne – Agostinho – Aquino – Descartes – Locke – Derrida

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos o livro *Filosofando: introdução à Filosofia*, de Aranha e Martins (2016), aparece apenas as filósofas Beauvoir e Hannah Arendt. Beauvoir, é trabalhada discretamente numa atividade da unidade 4, no capítulo 14, sobre a temática de ética e moral. No capítulo 17 da unidade 5, o livro trata da questão da banalidade do mal, onde as autoras utilizam fragmentos do livro *Origens do totalitarismo*. Por ser um livro que traz duas autoras, esperava-se que fossem contempladas mais filósofas.

Quadro 3 - Descrição do livro *Fundamentos de Filosofia* (COTRIM; FERNANDES, 2016).

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 1 - Filosofar e viver.	A felicidade	Platão – Epicuro – Zenão de Cício – Jaspers – Descartes – Montaigne – Ortega y Gasset – Pierre de Teilhard – Freud – Jung – Aristóteles – Parelman
	A dúvida	
	O diálogo	
	A consciência	
	O argumento	
Unidade 2 - Nós e o mundo	O mundo	Kant – Aristóteles – Tomás de Aquino – Pré-socráticos – Platão – Sartre – Corbisier – Descartes – Hobbes – Hegel – Horkheimer – Karl Marx – Luvkás – Gramsci – Ferry – Rousseau – Wittgenstein – Austin – Chomsky – Weber – Marcuse – Locke
	O ser humano	
	A linguagem	
	O trabalho	
	O conhecimento	
Unidade 3 - A Filosofia na história	Tem sete capítulos que abordam a periodização histórica da Filosofia, dos pré-socráticos à contemporaneidade	Pré-socráticos – Sócrates – Górgias – Protágoras – Platão Aristóteles – Epicuro – Diógenes – Cícero – Sêneca – Plutarco – Plotino – Chauí – Agostinho – Tomás de Aquino – Avicen – Averróis – Abelardo – Maritain – Grosseteste – Roger Bacon – Guilherme de Ockham – Maquiavel – Montaigne – Giordano Bruno – Bacon – Galileu – Descartes – Espinosa – Pascal – Hobbes – Locke – Hume – Diderot – D'Alembert – Rousseau – Kant – Adorno – Horkheimer – Comte – Hegel – Karl Marx – Feuerbach – Engels – Nietzsche – Schopenhauer – Kierkegaard – Heidegger – Sartre – Beauvoir – Camus – Husserl – Russel – Habermas – Wittgenstein – Marcuse – Walter Benjamin – Adorno – Horkheimer – Foucault – Derrida
Unidade 4 - Grandes áreas do filosofar.	A ética	Sartre – Espinosa - Hobbes – Hegel – Marx – Helvetius – Holbach – Aristóteles – Agostinho – Kant – Platão – Sócrates – Tomás de Aquino – Hegel – Bobbio – Russel – Weber – Locke – Rousseau – Engels – Maquiavel – Bossuet – Bodin – Locke – Stuart Mill – Whewell – Popper – Kuhn - Arendt – Bacon – Nietzsche – Hume – Schopenhauer – Suzane K. Langer – Ficher – Schiller
	A política	
	A ciência	
	A estética	

Fonte: Elaboração própria.

A partir da análise do livro de Cotrim e Mirna Fernandes aparecem quatro filósofas, Chauí, Beauvoir, Arendt e Suzana Langer. Porém, Chauí e Beauvoir são apenas citadas na unidade 5, Chauí em um exercício e Beauvoir que é citada como

uma existencialista, porém, não é aprofundada em nenhum assunto. Arendt aparece no capítulo 20 da unidade 4, sobre a banalização do mal, onde os autores tratam sobre a ciência e as guerras. Na mesma unidade, no capítulo 21, aparece Suzanne Langer, quando os autores do livro trabalham um fragmento da mesma, *Ensaios filosóficos*, para explicar na parte de estética, o que é a arte.

Quadro 4 – Descrição do livro *Reflexões: Filosofia e cotidiano* (VASCONCELOS, 2016).

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 1 A filosofia, seu passado e seu presente	A atitude filosófica	Aristóteles – Ayn Rand – Jaspers – Kierkegaard – Tolstói – Wittgenstein – Epicuro – Onfray – Schopenhauer – Camus – Sartre – Platão – Aristóteles – Sócrates – Bergson – Halbwachs – Voltaire – Paul Ricouer – MacIntyre
	O sentido da vida	
	Memória e História	
Unidade 2 Até onde a inteligência alcança?	Lógica e linguagem Linguagem e escritura Realidade e aparência	Aristóteles – Hegel Marx – Engels – Frege – Wittgenstein – Russel – Derrida – Platão – Sócrates – Austin – Parmênides – Heráclito – Nietzsche – Hegel – Freud – Feuerbach – Gettier – Suzan Haak – Descartes – Hume – Kant Baudrillard – Cassier – Bacon – Galileu – Popper – Kuhn – Foucault – Comte – Marcuse – Habermas – Boécio – Porfírio de Tiro – Abelardo – Husserl
Unidade 3 A ação humana no mundo	Conhecimento e justificação Ciência e Tecnologia O universal e o particular Como podemos agir?	Platão - Joseph Butcher – Spencer – MacIntyre – Locke – Kant – Bentham – Stuart Mill – Maquiavel – Hobbes – Rousseau – John Rawls – Hegel – Rancière
	A política e o bem comum	
	Trabalho e justiça social	
	De corpo e alma	
	Sobre a arte e a beleza	
	A Filosofia oriental	
	As Filosofias africanas e afrodescendentes	
	Filosofias feministas e seus desdobramentos	
Unidade 4 Para além do eurocentrismo	Marx- Arendt – Green – Engels – Proudhon – Platão – Espinosa – Leibniz – Fodor – Churchland – Husserl – Avicena – Averróis – Gautama – Oruka – Kwasi – Wideru – Kant – Stuart Mill - Mary Wollstonecraft – Anna Doyle – Wheeler – Harriet – Taylor – Beauvoir – Bety Friedan – Angela Davis – Judith Butler – Carol Gillian	

Fonte: Elaboração própria.

Analisamos o livro *Reflexões: Filosofia e Cotidiano*, de Vasconcelos (2016), aparecem algumas filósofas como Ayn Rand, Suzan Haak, Arendt, Mary Wollstonecraft, Anna Doyle, Wheeler, Harriet, Taylor, Beauvoir, Bety Frieddan, Angela Davis, Judith Butler e Carol Gillian. Ayn Rand é contemplada no capítulo primeiro da unidade 1, que trata da atitude filosófica. No capítulo, o autor do livro apresenta um fragmento de um livro de Ayn Rand, *The Romantic manifest: philosophy of literature* (O manifesto romântico: uma filosofia da literatura).

Em seguida, no capítulo 7, Conhecimento e justificação, unidade 2, Suzan Haak é contemplada com um fragmento de sua obra *Evidence and enquiry: towards reconstruction in epistemology* (Evidências e Inquérito: Rumo à Reconstrução na Epistemologia), que trata sobre o confiabilismo. Já as outras filósofas citadas, Arendt, Mary Wollstonecroft, Anna Doyle, Wheeler, Harriet, Taylor, Beauvoir, Bety Frieddan, Angela Davis, Judith Buthler e Crol Gillian, aparecem na unidade 4, capítulo 17 – Filosofias femininas e seus desdobramentos. Esse capítulo mostra a história da luta das mulheres, desde a questão do patriarcado que dita as regras da sociedade, desde os tempos idos até os dias atuais, sobre a misoginia, a violência contra as mulheres, os movimentos feministas.

Quadro 5 - Descrição do livro *Iniciação à Filosofia* (CHAUÍ, 2016).

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 1 A Filosofia	A atitude filosófica	Sócrates – Platão – Descartes – Kant – Marx – Pitágoras – Merleau-Ponty – Espinosa – Górgias – Aristóteles – Agostinho – Maquiavel – Freud
	O que é a Filosofia	
	A origem da Filosofia	
	Períodos e campos de investigação da Filosofia Grega	
	Principais períodos da História da Filosofia	
	A transformação da Filosofia na contemporaneidade	
Unidade 2 A razão	Os vários sentidos da palavra razão	Espinosa – Descartes – Platão – Horkheimer
	A atividade racional	
Unidade 3 A verdade	Ignorância e verdade	Descartes – Sócrates Platão – Foucault – Kant – Hume – Arendt
	Buscando a verdade	

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 4 A lógica	O nascimento da lógica	Heráclito – Parmênides – Platão – Aristóteles
	Elementos da lógica	
Unidade 5 O conhecimento	A preocupação com o conhecimento	Sócrates – Protágoras – Platão – Aristóteles – Bacon – Descartes – Locke – Merleau-Ponty – Freud – Marx – Feuerbach
	Percepção, memória e imaginação	
	Linguagem e pensamento	
	A consciência pode conhecer tudo?	
Unidade 6 A metafísica	A origem da metafísica	Hume – Platão – Parmênides – Sócrates – Aristóteles – Agostinho – Descartes – Galileu – Hobbes – Hume – Kant Husserl – Heidegger – Merleau-Ponty
	A metafísica de Aristóteles	
	As aventuras da metafísica	
	De Kant à ontologia contemporânea	
Unidade 7 A ciência	A atitude científica	Lèvi-Strauss – Aristóteles – Platão – Kuhn – Morin – Foucault – Comte – Kant
	A ciência na história	
	As ciências humanas	
Unidade 8 A cultura	A cultura	Merleau-Ponty – Epicuro – Lucrécio – Marx – Platão – Espinosa – Benjamin – Adorno – Horkheimer
	A religião	
	O universo das artes	
Unidade 9 A ética	A existência ética	Platão – Aristóteles – Sócrates – Espinosa – Rousseau – Kant – Russell – Moore – Nietzsche – Marx – Sartre – Heidegger
	A ética	
	A liberdade	
Unidade 10 A política	O início da vida política	Platão – Aristóteles – Maquiavel – Cícero – Hobbes – Rousseau – Locke – Weber – Marx
	As filosofias políticas	
	A questão da democracia	

Fonte: Elaboração própria.

Na análise feita do livro de Marilena Chauí, *Iniciação à Filosofia*, apenas uma filósofa é citada, Hannah Arendt, a qual é contemplada no capítulo 10 – *Buscando a verdade* – unidade 3, onde a autora do livro usa um fragmento do livro de Arendt, *Entre o passado e o futuro*. Assim como o livro *Filosofando: introdução à Filosofia* (MARTINS; ARANHA, 2016), que contempla uma autora, esperávamos que surgissem mais filósofas, porém o mesmo reflete apenas uma filósofa.

Quadro 6 - Descrição do livro *Filosofia: experiência do pensamento* (GALLO, 2016).

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 1 Como pensamos?	Filosofia: o que é isso?	Pieri Lèvi – Aristóteles – Gramsci – Foucault – Tales de Mileto – Pitágoras – Deleuze – Sócrates – Platão Sponville – Nietzsche – Guatarri – Agostinho – Tomás de Aquino – Galileu – Heráclito -Anaximandro – Leucipo – Newton Descartes – Bacon Hobbes – Locke – Kant – Feyrabend – Cassierer – Adorno – Horkheimer – Benjamin – Lèvi-Strauss
	Filosofia e outras formas de pensar	
	A ciência e a arte	
Unidade 2 O que somos?	O ser humano quer conhecer a si mesmo	Voltaire – Platão Aristóteles – Sócrates – Pico dela Mirandola – Thomas More – Erasmo de Roterdâ – Montaigne – Arendt – Marx – Kierkegaard – Hegel – Nietzsche – Husserl – Heidegger – Sartre – Cassierer – Wittgenstein – Guatarri – Adorno – Horkheimer – Lipovetsky – Espinosa – Merleau-Ponty – Beauvoir
	A linguagem e a cultura: manifestação do humano	
	Corporeidade, gênero e sexualidade: formas de saber	
Unidade 3 Por que e como agimos?	Os valores e as escolhas	Platão – Nietzsche – Sartre – Górgias – Sócrates – Aristóteles – Kant – Singer – Diógenes – Zenão de Cício – Sêneca – Epiteto – Hadot – Epicuro – Leucipo – Onfray
	Ética: por que e para quê?	
	A vida em construção: uma obra de arte	
Unidade 4 Como nos relacionamos?	Poder e política	Foucault – Platão – Aristóteles – Maquiavel – La Boëtie – Hobbes – Montesquieu – Rousseau – Hegel – Marx – Engels – Proudhon – Bakunin – Arendt – Foucault – Deleuze – Guattari – Agnes Heller
	Estado, sociedade e poder	
	Totalitarismo e biopolítica na sociedade de controle	
Unidade 5 Problemas contemporâneos	Quais são os limites do conhecimento e da ciência?	Ladrière – Galileu – Comte Saint Simon – Foucault – Latour – Aristóteles – Morin – Tales de Mileto – Nefri – Rancière – Bauman – Hans Jonas – Lipovetsky – Levinas – Habermas – Serres
	Quais são os desafios políticos e contemporâneos?	
	Os desafios éticos contemporâneos	

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos o livro de Sílvio Gallo, *Filosofia: experiência do pensamento*, são contempladas três filósofas: Arendt, Beauvoir e Agnes Heller. Na unidade 2, o capítulo primeiro – O ser humano quer conhecer a si mesmo – traz um fragmento do livro de Hannah Arendt, *A condição humana*. Na mesma unidade, no capítulo 3 – Corporeidade, gênero e sexualidade: formas de ser – o autor do livro faz referência a filósofa Beauvoir, citando a obra da mesma, *O segundo sexo*, sobre os movimentos

feministas. Já na unidade 4, capítulo 3 – Totalitarismo e biopolítica na sociedade de controle – aparece novamente a filósofa Arendt, onde o autor do livro mostra a crítica que a mesma faz ao totalitarismo. Contempla, também, a filósofa Agnes Heller, com fragmentos de seu livro *O cotidiano e a história*, para tratar da questão do preconceito e totalitarismo.

Quadro 7 - Descrição do livro *Diálogo: primeiros estudos em Filosofia* (MELANI, 2016).

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Introdução As estranhas coisas familiares	O que é filosofia?	Aristóteles – Heidegger – Sócrates – Merleau-Ponty – Platão – Ditley – Descartes
Unidade 1 O que é?	O que é isso?	Wittegenstein – Adorno – Horkheimer – Vernant – Tales de Mileto – Platão – Anaxímenes – Empédocles – Anaxágoras – Leucipo – Aristóteles – Descartes – Bacon – Guattari – Naess – Platão – Sócrates – Górgias – Protágoras – Antífonte – Transímaco – Pródico – Hípias – Bobbio – Singer – Heráclito – Parmênides – Hume – Comte – Nietzsche – Marx – Sartre – Epicuro – Rousseau – Zenão de Cício – Sexto Empírico – Schopenhauer – Freud – Lopovetsky – Pitágoras – Agostinho – Tomás de Aquino – Feuerbach – Onfray
	O que são valores?	
	O que é realidade?	
	O que é a essência de algo?	
	O que é felicidade?	
	O que é Deus?	
Unidade 2 - O que podemos conhecer?	O que conhecemos pela razão?	Galileu – Xenófanes – Descartes – Espinosa – Leibniz – Nietzsche – Wolff – Locke – Berkley – Hume – Kant – Hegel – Scopenhauer – Maquiavel – Hobbes – Rousseau – Montesquieu – Comte – Marx – Engels – Cassierer – Arendt – Chauí – D'Alembert – Diderot – Sartre – Merleau-Ponty – Foucault – Deleuze
	O que conhecemos pelos sentidos?	
	Como organizamos o conhecimento?	
	O que é sociedade moderna?	
	O que é sociedade capitalista?	
	O que é liberdade?	
Unidade 3 - Qual é o sentido das coisas?	O que podemos entender?	Frege – Russel – Moore – Wittgenstein – Aristóteles – Kant – Kant – Husserl – Kierkegaard – Heidegger – Beauvoir – Galileu – Newton – Popper – Kuhn – Feyrabend – Bauman – Lyotard – Derrida- Deleuze – Lipovetsky – Platão Berson – Heidegger - Benjamin – Adorno Marcuse – Habermas – Rounet
	Como podemos argumentar?	
	Qual é o sentido da vida?	
	O que é ciência?	
	Quem é o indivíduo da sociedade contemporânea?	
	O que é tempo?	

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos o livro *Diálogo: primeiros estudos em Filosofia*, de Ricardo Melani (2016), percebemos que são contempladas apenas as filósofas: Arendt, Chauí e Beauvoir. Na unidade 2, capítulo 11 – O que é sociedade capitalista? – na parte que trata do totalitarismo, o autor do livro traz fragmentos do livro de Arendt *O sistema totalitário*. Chauí aparece timidamente num exercício complementar do mesmo capítulo. Na unidade 2, capítulo 15 – Qual o sentido da vida? – o autor do livro traz Beauvoir, mostrando sua importância na fenomenologia existencial, e usa fragmentos de seu livro *O segundo sexo*.

Quadro 8 - Descrição do livro *Filosofia e filosofias: existência e sentido* (SAVIAN FILHO, 2016).

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 1 Portas para a Filosofia	Desconstruir para compreender	Derrida – Heidegger – Galileu - Kepler – Karl Marx – Aristóteles – Platão – Wittgenstein – Pirro de Élis – Sócrates – Sartre – Diógenes – Voltaire – Abelardo – Hegel – Descartes – Bergson – Agostinho – Maine de Biran
	Reconstruir para compreender ainda melhor	
	O que é Filosofia?	
	Filosofias e modos de convencer	
Unidade 2 Temas tratados filosoficamente	O sentido da existência	Wittgenstein – Grondin – Holbach – Demócrito – Platão – Camus – Schopenhauer – Hans Jonas – Eliel Wiesel – Diógenes – Epicuro – Stuart Mill- Bentham – Marcuse – Nietzsche – Abelardo – Moore – Aristóteles – Cícero – Tomás de Aquino – Derrida – Arendt – Freud – Merleau-Ponty – Heráclito – Voltaire – Rousseau – Edith Stain – Sócrates – Justino de Roma – Fílon de Alexandria – Agostinho – Dionísio – Gregório de Nazianzo – Ibn Arabi – Leão Hebreu – Pascal – Lowy – Schegel – Beauvoir – Judith Butler – Iris Murdoch – Hamshire – Espinosa – Marx – Locke – Macintyre – Tocqueville – Maquiavel – Hobbes – Althusser – Foucault – Hegel – Kant – Hume – Plotino – Kierkegaard – Huberman – Scheiermacher – Feuerbach – Leibniz – Russel – Sartre – Xenófanes – Rahner – Sexto Empírico – Husserl – Boécio de Roma – Avicena - - Popper – Koyré
	A felicidade	
	A amizade	
	Sexualidade e força vital	
	Desejo e amor	
	Do amor de amigo ao amor sagrado	
	Do amor cortês ao amor hoje	
	Sociedade, indivíduo e liberdade	
	Natureza, cultura e pessoa	
	Política e poder	
	A prática ética	
	Experiência estética e experiência artística	
	A experiência religiosa	
	O conhecimento	

UNIDADES	TEMÁTICAS	FILÓSOFOS (AS)
Unidade 3 - A Filosofia e sua história	Chaves de leitura para o estudo de História da Filosofia	Tales de Mileto – Anaxágoras – Sócrates – Platão – Descartes – Kant – Hume – Bergson – Hegel- Kierkegaard – Husserl – Nietzsche – Marx – Deleuze

Fonte: Elaboração própria.

O último livro analisado, *Filosofia e filosofias: existência e sentido*, de Savian Filho (2016), cinco filósofas são contempladas: Arendt, Edith Stain, Beauvoir, Judith Butler e Iris Murdoch. Todas aparecem na unidade 5. Arendt é apresentada no capítulo 3 – A amizade – em que o autor do livro traz um fragmento de uma obra da mesma, intitulada *Vies politiques* (Vidas políticas). Edith Stain é encontrada no capítulo 4 – Sexualidade e força vital – onde o livro contempla um fragmento de sua obra *Der Aufbau der Menschlichen Person* (A construção da pessoa humana). Beauvoir, Butler e Iris Murdoch são tratadas no capítulo 7 – Do amor cortês ao amor hoje. Beauvoir e Buthler são lembradas sobre a questão do amor na contemporaneidade, sobre a crítica dos movimentos feministas. Beauvoir é citada com sua obra *O segundo sexo*, onde a mesma, segundo o autor do livro, Savian Filho (2016, p. 196), “denunciava que a história filosófica do amor era uma história escrita por homens, sem levar em conta o fato de a palavra amor não ter o mesmo significado para homens e mulheres”. Buthler é citada a partir de seu livro *Duvidando do amor*, onde ela define, segundo Savian Filho (2016, p. 196), “[...] que a primeira troca entre as pessoas é dos sonhos e anseios”. Já Iris Mordoch, é tratada no mesmo capítulo, através de sua obra *A soberania do bem*, onde o autor do livro utiliza um fragmento de seu livro para tratar da questão do amor e seus erros.

Feita a análise dos livros didáticos de filosofia, podemos perceber que, diante de tanta produção filosófica de mulheres filósofas, esses livros ainda estão distantes da realidade tratada, inclusive na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), como também, no PNLD 2018, que norteiam toda a escolha desses livros. O próprio PNLD 2018 cita:

Os princípios gerais e os critérios da avaliação pedagógica pautaram-se pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei no 9.394/96), a qual, em seu artigo 35, estabelece que as finalidades do Ensino Médio são: I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 2017, p. 12 - 13).

Mesmo o PNLD 2018 respeitando os critérios da LDB, sentimos falta da produção de mulheres filósofas, que aparecem em alguns livros, mas ainda de forma muito tímida. De acordo com o PNLD 2018, o trabalho de avaliação pedagógica para a escolha do livro didático, segue cinco critérios de avaliação: I) Análise de aspectos gerais de adequação à legislação e aos princípios éticos da cidadania; II) análise geral da proposta metodológica e pedagógica; III) análise geral dos aspectos editoriais da obra; IV) análise específica da proposta de ensino de filosofia; V) análise específica do manual do professor.

É perceptível a preocupação que o Ministério da Educação (MEC) apresenta com relação a uma nova leitura de mundo, pautada na ética cidadã, na autonomia, na criticidade, porém, não podemos nos calar a essa falha contida nos livros didáticos de filosofia, que, de certo modo, acaba refletindo nas aulas de filosofia do ensino médio.

4.2 A INVESTIGAÇÃO COM OS DOCENTES DE FILOSOFIA

O desenvolvimento desta pesquisa esteve em consonância com a necessidade da realidade das escolas públicas estaduais da 10^a Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC), em Caicó/RN, participando todos os professores de filosofia, licenciados em filosofia, como também, dois (02) professores de filosofia da 09^a DIREC, um (01) professor de filosofia da rede particular de Caicó-RN e dois (02) professores de Filosofia da 8^a Região de Ensino do estado da Paraíba, estabelecendo o problema e a proposta de conteúdo para o grupo de professores de filosofia.

Dessa forma, o tema sobre a invisibilidade das mulheres filósofas nos livros didáticos de filosofia foi desenvolvido a partir de entrevistas com professoras e professores da disciplina filosofia que lecionam a disciplina no ensino médio, como

também da análise dos livros didáticos de filosofia do Ensino Médio. A seguir, será descrito como esse processo se desenvolveu para atingirmos nossa meta.

A primeira abordagem da pesquisa se deu com a autorização, *a priori*, da 10^a DIREC, que nos concedeu a possibilidade e informações dos professores de Filosofia, graduados em Filosofia, que lecionam a disciplina. Logo após, entramos em contato com esses professores, que lecionam em Caicó e nas cidades que compõem a 10^a DIREC. Em seguida, por acharmos que seis (06) professores de filosofia seria um número pequeno, convidamos dois (02) professores de filosofia da 09^a DIREC, um (01) professor de filosofia da rede particular de Caicó-RN e dois (02) professores de Filosofia da 8^a Região de Ensino, Estado da Paraíba (São Bento e Brejo do Cruz), totalizando onze professores de filosofia, licenciados em filosofia. Primeiramente, por telefone e/ou e-mail, explicamos do que se tratava a pesquisa, e que os mesmos tinham a liberdade de participar ou não da mesma. O cronograma aconteceu da seguinte forma:

ATIVIDADES	Nov. 2018	Dez. 2018	Mai. 2019	Jun. 2019	Jul. 2019	Fev. 2020
Recrutamento dos participantes						
Obtenção do TCLE						
Realização das entrevistas						
Tratamento dos dados						
Apresentação dos resultados para os professores, com uma possível produção de material didático que incluam as mulheres filósofas no contexto histórico da filosofia e suas temáticas.						

No dia 01 de novembro de 2018, os participantes foram recrutados por meio de telefonemas e e-mails. A pesquisa foi explicada aos professores e eles foram convidados a participar da mesma. Os professores tiveram uma semana para decidirem se aceitariam participar da pesquisa.

Aos que aceitaram participar foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B) no dia 08 de novembro. Eles tiveram até o dia 16 de novembro para devolverem o TCLE assinado.

A aplicação das entrevistas aconteceu no período de 15 de maio a 30 de julho de 2019. As entrevistas foram realizadas através de e-mails enviados aos professores

pesquisados, que logo após responderem os questionários, os reenviaram para o e-mail da pesquisadora.

No período de 21 de julho a 10 de agosto de 2019, foi realizado o tratamento dos dados coletados.

A última parte do cronograma acima não aparece concluída, pois essa conclusão ficou para ser apresentada aos professores participantes desta pesquisa numa data posterior, para tentarmos produzir um material que sirva para nortear as professoras e os professores de filosofia quanto a usarmos produções filosóficas de mulheres no decorrer da história da filosofia e em temas filosóficos.

4.3 A ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram elaborados com a perspectiva de detectar os seguintes elementos: No primeiro questionário, investigamos o perfil da professora e do professor entrevistado, o livro didático adotado para sala de aula, se os professores trabalham a importância das mulheres filósofas e com que frequência e as dificuldades em trabalhar as filósofas. No segundo questionário, examinamos se as professoras e os professores já haviam feito alguma capacitação sobre mulheres filósofas, tanto pela DIREC, quanto por conta própria; verificamos também, se os mesmos estudaram alguma filósofa na Academia, se demonstravam interesse pela temática e se tinham interesse em produzir material sobre mulheres filósofas para utilizar em sala de aula.

4.4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

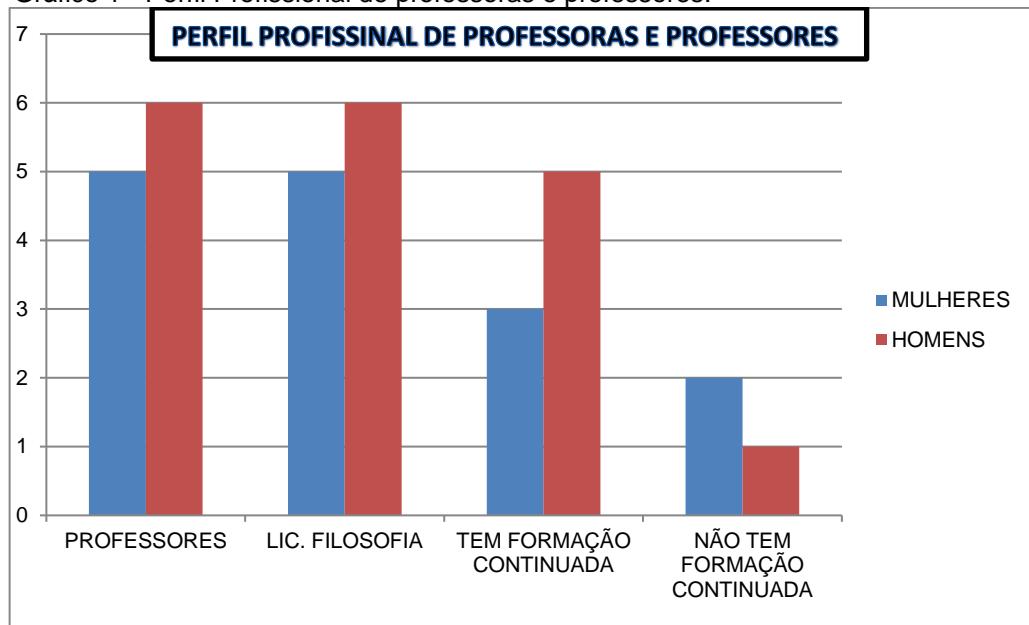
Preservando o princípio ético da pesquisa, os professores entrevistados passaram a ser tratados no texto final da pesquisa por uma identificação numérica aleatória, enumerados de 01 a 11. O grupo de professores entrevistados é composto por 05 professoras e 06 professores, num total de 11. Todos os professores e professoras são licenciados em Filosofia, a maioria possui especialização na área de filosofia e alguns possuem mestrado em Filosofia.

Embora nossa pesquisa seja qualitativa, com entrevistas semiestruturadas, achamos necessário, além da transcrição das respostas aos questionários, em alguns casos, demonstrarmos em formas de gráficos, para darmos uma melhor visão e

melhor entendimento das respostas dadas, para que fique claro o interesse desta pesquisa.

No gráfico 1, demostramos o número de professoras e professores de filosofia, mostramos que todos são licenciados em Filosofia, alguns tem formação continuada e outros não apresentam formação continuada.

Gráfico 1 - Perfil Profissional de professoras e professores.



Fonte: Elaboração própria.

No gráfico 2, apresentamos o tempo de serviço apresentado pelos professores participantes desta pesquisa.

Gráfico 2 - Tempo de serviço de professoras e professores.



Fonte: Elaboração própria.

4.5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO I

No primeiro questionário (Apêndice A), buscamos compreender a visão geral dos professores e professoras acerca do tema proposto por nossa pesquisa, qual seja, a ausência das mulheres filósofas de nossos livros didáticos do Ensino médio. Para tanto, partimos do modo como os professores pesquisados organizam suas aulas. Daí, a seguinte pergunta: Qual livro didático utilizado na disciplina de filosofia?

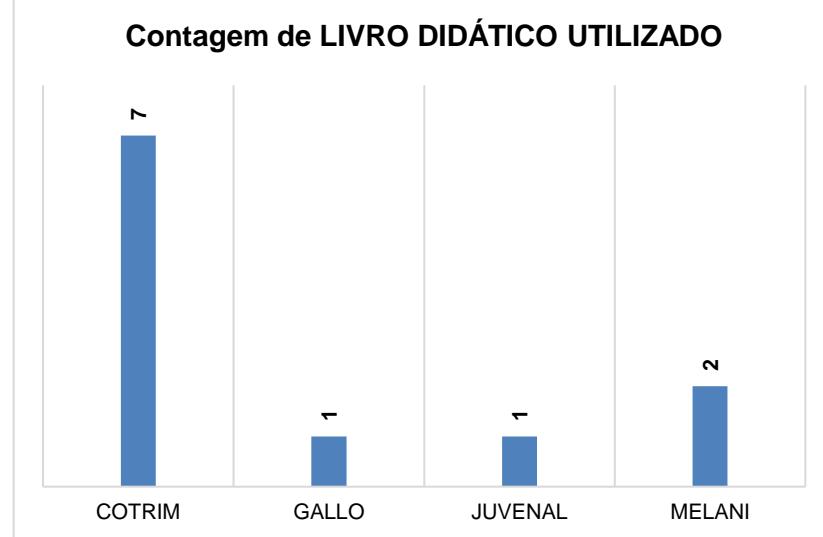
COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2016. (Professor 11).

Fundamentos de Filosofia de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes. (Professora 01).

Experiência do pensamento – Sílvio Gallo. (Professor 03).

O gráfico 3 apresenta, de forma clara, os livros utilizados pelas professoras e professores que participaram deste trabalho. No gráfico aparece claramente o livro didático mais utilizado pela maioria dos professores e professoras entrevistados.

Gráfico 3 - Utilização do livro didático na disciplina Filosofia.



Fonte: Elaboração própria.

Percebemos que grande parte dos professores entrevistados optou pelo livro *Fundamentos de filosofia*, dos autores Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes, que apresenta pouca ou quase nenhuma referência às mulheres filósofas, aliás, quase sempre que ouvimos referência a este livro, se remete apenas ao nome do autor,

como se não houvesse contribuição de uma autora, até nisso sentimos o reflexo de nossa formação cultural androcêntrica.

Ato contínuo, questionamos nosso grupo para além do livro didático, assim, queríamos saber sobre outros materiais utilizados em sala de aula, a partir do seguinte questionamento: Cite outros materiais complementares utilizados para a sala de aula e/ou planejamento de aula. Vejamos os dados coletados:

Slides e Internet (Professor 02).

Data show, vídeos, textos, debates, seminários etc. (Professora 08).

Outros livros didáticos, filmes, obras literárias e filosóficas (Professor 04).

Aqui, percebemos que nosso grupo não se prende ao uso do livro didático, buscando sempre, dentro da realidade escolar, utilizar os meios para a prática de ensino e aprendizagem, mas não vislumbramos algum material que conte com a questão feminista ou da mulher filósofa especificamente.

A próxima questão trata das filósofas e sua filosofia, a partir da seguinte indagação: Costuma trabalhar a importância do gênero, e as filósofas, suas teorias e contribuições filosóficas? E Quais? [filósofas].

Não trabalho a importância do gênero, trabalho apenas filósofas citadas no livro didático e as obras no ENEM. Beauvoir, Arendt e Hipátia. (professora 10).

Sim, mesmo sendo ainda um pequeno número de mulheres citadas, costumo enfatizar suas contribuições para filosofia. Arendt, Chauí, Aranha, Mirna Fernandes, Beauvoir (professora 07).

Sim. Beauvoir e Arendt (professor 09).

Observamos que alguns nomes de filósofas são recorrentes quando perguntamos pelas mulheres filósofas, caso de Simone de Beauvoir ou Hanna Arendt. Beauvoir, sempre lembrada pelo existencialismo, feminismo, principalmente pelo seu livro *O segundo Sexo*, mas pouco ou quase não citada e explorada nos livros didáticos; e Arendt aparece nos assuntos que contemplam a banalização do mal, a condição humana. Arendt é sempre a mais lembrada e mais citada, ela é a única filósofa que aparece em todos os livros didáticos de filosofia. Notamos que principalmente as filósofas do antigo e do medievo são as que menos são

contempladas nos livros didáticos de filosofia e nas respostas das professoras e dos professores de filosofia do ensino médio.

Ainda, quanto à organização das aulas, perguntamos com que intervalo as filósofas são lembradas em nossas aulas de Ensino Médio, daí surgiu a pergunta: Qual a frequência da utilização de filósofas na história do conhecimento histórico-filosófico em sala de aula?

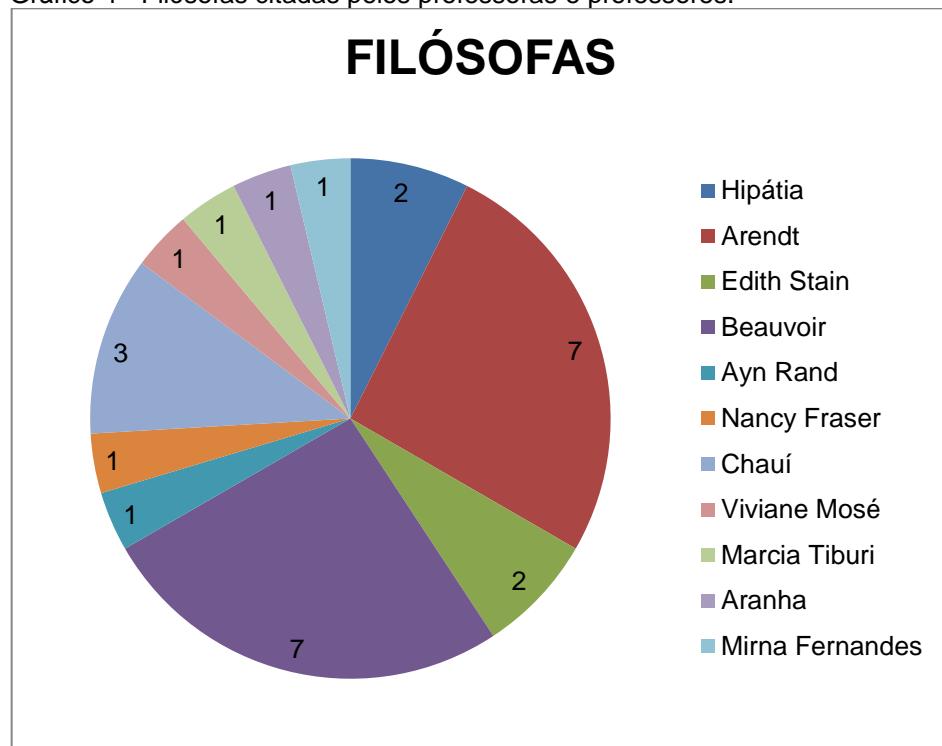
Pouca, só utilize se o livro didático contemplar. (professora 06).

Semestralmente. (professora 07).

Pouco frequente. (professora 08).

A seguir, demonstramos no gráfico 4 as filósofas citadas pelos professores e professoras que responderam os questionários desta pesquisa:

Gráfico 4 - Filósofas citadas pelos professoras e professores.



Fonte: Elaboração própria.

Ao ser perguntado pelo intervalo de tempo que se utiliza as obras das mulheres filósofas, o nosso grupo foi enfático: pouco. Resta evidente que, mesmo entre as professoras participantes do sexo feminino, quase não utilizamos as mulheres

filósofas, mormente se dependermos de nossos livros didáticos de filosofia no Ensino Médio.

A seguir, buscamos compreender quais os principais obstáculos que nosso grupo tem para implementar as mulheres filósofas em suas aulas. Neste quesito, apresentamos alternativas objetivas para que os professores elegessem as que mais lhes ocorre em seu dia a dia. Desse modo, perguntamos: Qual(is) o/s elemento/s que mais lhes traz dificuldade/s para trabalhar as mulheres na filosofia?

Falta ou insuficiência de apoio pedagógico, falta de recursos materiais (pedagógicos) e Carência refletida pelas universidades, que pouco exploram as pensadoras. (professor 03).

Jornada de trabalho, Excesso de atividades (sobrecarga de atividades), Tempo insuficiente para pesquisar sobre elas, Falta ou insuficiência de apoio pedagógico, Falta de reconhecimento sobre as filósofas e Carência refletida pelas universidades, que pouco exploram as pensadoras. (professor 05).

Jornada de trabalho, Falha dos livros didáticos, Falta ou insuficiência de apoio pedagógico e Carência refletida pelas universidades que pouco exploram as pensadoras. (professora 01).

No gráfico 5, podemos perceber as principais dificuldades das professoras e professores sobre trabalharem as mulheres filósofas:

Gráfico 5 - Principais dificuldades apontadas pelos professoras e professores.



Fonte: Elaboração própria.

Além de nosso grupo de professores reconhecer que nossos livros didáticos falham com a história das mulheres filósofas, neste quesito também é lembrado o quanto as faculdades de Filosofia também tratam pouco das mulheres filósofas. Esse aspecto certamente reflete no fato de que as professoras e professores sabem pouco sobre mulheres filósofas. Associado a isso, também faltam materiais didáticos para ajudá-los.

Para finalizar nosso primeiro questionário, quisemos entender se há alguma perspectiva na proposta pedagógica do inquirido professor acerca das questões de

gênero, relação da mulher e a produção de conhecimento. Surgiu, então, o seguinte questionamento: Na proposta pedagógica da escola, traz a importância de se trabalhar o estudo de gêneros, bem como a investigação de pensadoras e importância da mulher no conhecimento? Comente.

Não, na verdade nunca vi essa pauta ser abordada como proposta pedagógica em nenhuma das escolas que trabalhei. (professora 08).

A proposta pedagógica da escola motiva sim a se trabalhar a importância do reconhecimento, da igualdade de direitos e do valor da mulher. Mas os livros didáticos adotados pouco trabalham essa realidade. (professor 02).

Na proposta pedagógica tem gênero, mas não tem específico a exploração da importância de trabalhar a mulher, isso é um ponto que deve ser revisto. (professora 01)

Percebemos nesta última questão que, de fato, as escolas tratam da questão da mulher de modo genérico, de passagem, como em algumas datas comemorativas alusivas ao Dia Internacional da Mulher, a título de ilustração. Contudo, proposta pedagógica mesmo, em relacionar as mulheres à produção científica, não tem, muito menos relacioná-las à produção filosófica. A professora 08 chega a enfatizar que nunca ouviu, sequer, menção qualquer à questão de gênero, em qualquer escola que tenha ensinado. Isto reflete não só a ausência das mulheres filósofas de nossos livros didáticos do Ensino Médio, mas também a mesma ausência das propostas pedagógicas de nossas escolas, quando se refere a este tema.

4.6 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO II

Após a análise dos dados do primeiro questionário, e colhidos os seus achados, passamos a analisar nosso segundo questionário (Apêndice B), que tem natureza mais voltada para as proposições apontadas pelo nosso grupo de professores participantes. Com o olhar sempre atento do pesquisador e com a colaboração dos professores participantes, enfrentamos a primeira questão do questionário, qual seja: Já participou ou está participando de alguma formação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio na 10^a DIREC ou outras DIRECs ou Regionais, sobre mulheres filósofas? Qual?

Não. (professora 06).

Não. (professora 07).

Não. O único evento que participei que abordou o tema da mulher na filosofia foi no ano de 2018, na cidade de Mossoró. Se não me engano foi a X Semana e V Seminário Temático de Filosofia da UERN. (professor 09).

Notamos, em princípio, que não há, de fato, eventos acadêmicos rotineiros que elejam a temática do Feminismo ou mesmo da produção intelectual das mulheres. Quando houve, poucos declararam ter participado.

Nossa próxima questão insiste em inquirir nosso grupo de professores no tocante à sua formação acadêmica e intelectual, donde levantamos a pergunta: Realiza ou realizou alguma formação de ensino de filosofia com mulheres filósofas por conta própria? Qual?

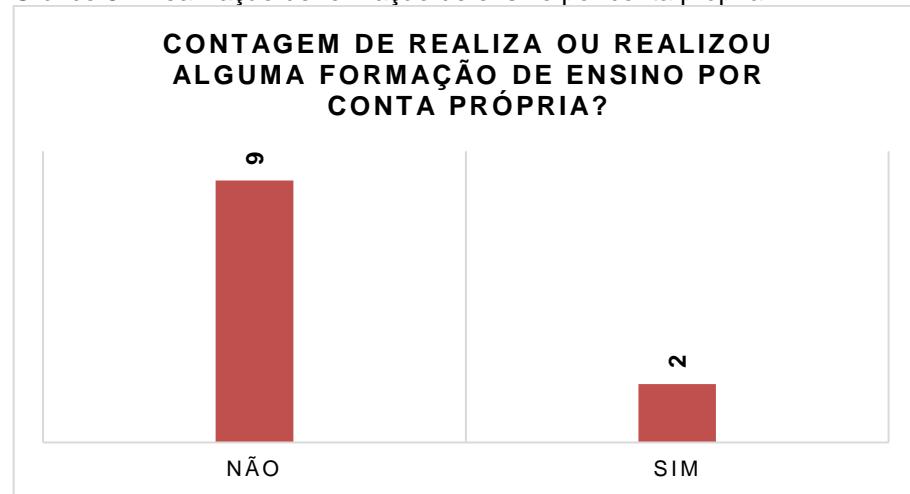
Não. (professora 08).

Sim. Simone de Beauvoir, Edith Stein, Hannah Arendt e Marilena Chauí. (professor 11).

Não propriamente com mulheres, mas que tinha mulheres que foi o Café Filosófico. (professora 01).

No gráfico 6, detectamos a realização de formação continuada, por conta própria, de algumas professoras e professores entrevistados.

Gráfico 6 - Realização de formação de ensino por conta própria.



Fonte: Elaboração própria.

Neste último quesito, abrimos um leque maior de liberdade às investidas dos professores participantes, inclusive quando perguntamos sobre a iniciativa própria de

trabalhar essa temática (mulheres filósofas), já que os Eventos Acadêmicos não costumam enfrentar este tema do qual estamos falando. Uma vez mais nos deparamos com a negativa ou até mesmo com eventos genéricos, os quais, está demonstrado, não tratavam da questão de mulheres filósofas propriamente.

A seguir, buscaremos saber das filósofas na formação de nossos participantes. Assim, perguntamos: Em sua formação acadêmica, trabalhou alguma filósofa? Cite-as.

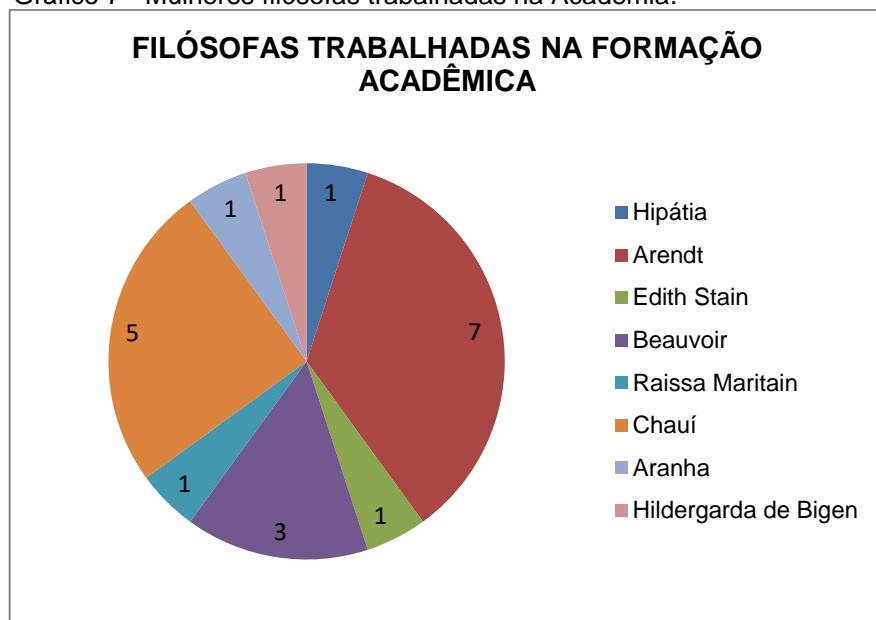
Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Raissa Maritain e Hildegard Von Bigen. (professor 03).

Não. (professor 04).

Sim. Hipátia, Hannah Arendt, Edith Stein, Marilena Chauí, Simone de Beauvoir. (professor 05).

Segue, abaixo, o Gráfico 7, com as mulheres filósofas trabalhadas na Academia, segundo os professores entrevistados:

Gráfico 7 - Mulheres filósofas trabalhadas na Academia.



Fonte: Elaboração própria.

Percebemos que, mesmo contemplando algumas filósofas, as professoras e professores citam poucas perante a quantidade de filósofas que produziram no decorrer de todo processo histórico-filosófico. Detectamos, também, que a maioria das filósofas citadas pertence ao período moderno ou contemporâneo, mesmo sabendo que as mulheres produziram nos outros períodos da filosofia.

Passo seguinte, inquirimos nosso grupo acerca da real necessidade de reconhecermos efetivamente a colaboração intelectual das mulheres filósofas, isto a partir da seguinte questão: Acredita ser necessário trabalhar as mulheres na filosofia, em sala de aula?

Sim. Pelas mulheres, apendemos a tratar os problemas filosóficos com mais sensibilidade e abertura. Elas humanizam ainda mais a filosofia, cuja racionalidade está no reconhecimento e no acolhimento das diferenças de outras posturas filosóficas. Incluir as mulheres na filosofia implica possibilitar ao filosofar uma visão mais plural e infinita. (professor 05).

Sim. Existiram e existem filósofas com uma produção intelectual importante. (professor 04).

Sim. (professor 03).

Neste último ponto, há uma unanimidade em reconhecer a necessidade de se trabalhar as mulheres na filosofia por parte de nossos participantes. Percebemos que esse mero reconhecimento não é suficiente para sanarmos o problema da ausência das mulheres filósofas em nossas salas de aula do Ensino Médio, se não nos empenharmos mais a contento nesta problemática, não haveremos de resgatar a importante contribuição das mulheres à filosofia.

Ato seguinte, buscamos saber qual o nível de interesse que nossos participantes têm em elaborar material eficaz em contemplar as mulheres filósofas, este material poderia ser produzido e trabalhado pelos professores participantes em suas salas de aula de Ensino Médio. Perguntamos o seguinte: Tem interesse em produzir material didático de filosofia que aborde mulheres filósofas? Por que?

Sim. Abrir o leque de discussões. (professor 04).

Sim, para que os alunos tenham um novo olhar sobre as mulheres e sua participação na filosofia. (professora 01).

Sim. Pois me interesso pelo pensamento de algumas filósofas. (professor 02).

Podemos notar que nossos participantes reconhecem e se interessam, de algum modo, em alavancar as discussões que contemplam as mulheres filósofas em nossas salas de aula, muito embora, não percebemos uma motivação em comum pela qual o grupo se dedicasse em produzir um material que abordasse, efetivamente, as mulheres na filosofia.

Nossa última questão tem um caráter sugestivo para nossos participantes. Nela, eles foram instados a dizer o que poderíamos fazer para solucionar, ou mesmo mitigar essa ausência que sofrem as mulheres filósofas. Então, perguntamos aos nossos participantes: Tem alguma sugestão sobre como trabalhar as mulheres na filosofia?

Sim. Na tentativa de se pensar num resgate histórico da filosofia elaborada por mulheres, seria interessante em primeiro lugar identificar as personagens e fazer uma seleção a partir das datas históricas de cada uma. Por exemplo: história da filosofia antiga, escolher-se-ia uma filósofa para inserir no debate, e assim por diante. Trata-se de uma pesquisa com finalidade bem específica: achar mulheres na filosofia, estudá-las e abordá-las em sala de aula. (professor 11).

Não. (professora 08).

Precisamos de mais material especializado acerca das mulheres na filosofia. Mais sites e mídias tecnológicas que possibilitem uma maior divulgação do trabalho feminino. (professor 09).

Em relação ao nosso último quesito, percebemos que há sim interesse de nosso grupo em produzir um material em comum que contemple as mulheres filósofas, pelo menos é o que reflete as respostas da maioria do grupo, salvo alguma exceção. Inclusive, apontando sugestões viáveis e realizáveis, o que, em nosso entender já é um começo significativo. Assim, ao fim e ao cabo de nossos questionários, notamos que há, de algum modo, uma inquietação em nossos professores causada por essa ausência das mulheres filósofas, sobretudo, e em particular, em nossos livros didáticos do Ensino Médio.

Essa ausência é sentida por nossos participantes, independente do gênero do entrevistado. Com efeito, a luta pela presença das mulheres em nossos livros didáticos deve ser encampada por todos que da filosofia se aproximam, inclusive da escola como instituição formadora de consciência de cidadania e de igualdade de direitos entre as pessoas. Essa luta bem que poderia começar a partir das inquietações de nosso grupo, que já se mostrou afeito à questão de produzir um material em comum, que reconheça a real importância das mulheres na história da filosofia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa centrou-se em pesquisar o fenômeno da negação da mulher como um ser de direitos, a partir do pensamento filosófico de Simone de Beauvoir e sua obra *O segundo sexo* (2016a; 2016b).

Diante das análises contempladas neste trabalho, pode-se inferir que, desde a antiguidade, o reconhecimento da mulher como um ser capaz de realizar as mesmas funções que os homens, foi negado. Mesmo entre os filósofos do mundo antigo não havia espaço relevante para as mulheres. Uma ou outra tênue citação de algum pensador não fora suficiente para trazer à tona a questão para o debate honesto da função das mulheres.

Tampouco, o mundo medieval avançou com alguma significação, capaz de reverter tal situação. Nesse intervalo, o caráter funcional da religião também não esteve ao lado das mulheres. O cristianismo, apesar das mensagens igualitárias do Cristo, não utilizou sua força no sentido de reconhecer a igualdade de direitos entre ambos os sexos.

À luz do pensamento da filósofa Simone de Beauvoir, tentamos trazer à tona como as mulheres foram sendo renegadas ao longo dos séculos. Esta negação trouxe inúmeros prejuízos à emancipação feminina. Mesmo no campo acadêmico, lugar da primazia da razão, elas continuaram renegadas. Ora, se homens instruídos como filósofos e cientistas não aceitaram a ideia da igualdade de direitos, o que esperar, então, do homem comum?

Não se pode negar que, de algum modo, houvera um breve avanço, haveremos de lembrar a conquista das sufragistas, dos direitos sociais conquistados recentemente como direitos trabalhistas ou alguma presença feminina no mundo político. Há mulheres ocupando cargos de relevância no Brasil, no mundo atual, contudo, esse espaço ainda é limitado, restrito e com pouca representatividade das mulheres.

A crítica feita por Beauvoir vislumbra que, historicamente, a mulher teve seus direitos cerceados por causa da supremacia masculina. Ao dominar a relação entre os sexos, o homem passou a olhar e definir o mundo a partir da ótica machista, restou um mundo limitado e subjugado para as mulheres.

Depois de analisarmos o fenômeno da negação de direito às mulheres, imposta pelos homens, observamos que esta mesma negação ainda persiste, mesmo em

casos mais velados ou disfarçáveis. Assim, aplicamos a leitura da crítica de Beauvoir (2016a; 2016b) a um fato que percebemos, ainda nas aulas do mestrado, qual seja: a ausência das mulheres filósofas nos nossos livros didáticos de filosofia do ensino médio.

Com esta perspectiva, passamos a investigar minuciosamente os livros didáticos de filosofia ofertados aos nossos professores de filosofia de ensino médio, por ocasião do PNLD 2018. Ao analisarmos tais livros, verificamos a ausência das mulheres filósofas. Salvo algumas poucas exceções, todos os livros didáticos contemplam apenas homens filósofos, independentemente dos autores e editoras. Percebemos a ausência das mulheres filósofas, inclusive quando são mulheres as autoras do livro didático analisado.

Dessa ausência das filósofas em nossos livros didáticos de ensino médio, depreende-se o prejuízo da invisibilidade delas no arcabouço intelectual da tradição filosófica. Para nós, isso é reflexo da cultura androcêntrica que opera no comando das relações humanas.

Com efeito, ao explicarmos nossa pesquisa semiestruturada com nossas professoras e professores envolvidos neste trabalho, observamos que suas respostas aos nossos questionários refletem essa invisibilidade das mulheres filósofas em nossos livros didáticos de ensino médio. Como também, nossa própria formação acadêmica, pois mesmo na universidade reina o panteão de homens filósofos, isto é um incômodo que nos afeta, mas precisamos registrar este fato inegável.

A mesma ausência é percebida em nossas formações continuadas. Não notamos nas falas e respostas de nossos entrevistados a presença de mulheres filósofas. Assim, temos a impressão de que essa injustiça pode perdurar ocorrendo, o que somos interpelados a perguntar, o que podemos fazer para resgatar as filósofas?

Assim sendo, esta pesquisa propõe uma possível produção de material didático que contemple as mulheres filósofas que contribuíram com sua produção intelectual à filosofia em tempos distintos, e que tiveram seus créditos negados ou não reconhecidos pela hegemonia masculina. Este resgate das mulheres filósofas é um convite desta pesquisa, a homens e mulheres em fazer justiça, àquelas que o mundo machista tornou invisíveis.

Portanto, contemplamos a tese de que a mulher sofreu um processo de negação, tornando-a invisível do cenário intelectual ao longo da história, resta-nos

continuar insistindo com a ideia de que homens e mulheres podem e devem tratar isonômico na luta pela igualdade de direitos.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **Do Segundo Sexo por Simone de Beauvoir.** In: PACHECO, Juliana (Org.). Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015. p. 103 - 121. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_abecd20d1b19458ab0f612c751162b7f.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

ARISTÓTELES. **A Política.** São Paulo: Folha de São Paulo, 2010. (Coleção Livros que mudaram o Mundo).

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.

BEDASEE, Raimunda. **Simone de Beauvoir e a crítica feminista.** In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecilia; GOMES, Márcia. Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. p. 109 - 126 (Coleção Bahianas; 5). Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/simone.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019.

BRANDÃO, Junto de Souza. **Mitologia grega.** Rio de Janeiro: Vozes, 1987. 3 v. Obra de fôlego de especialista.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2018: filosofia – guia de livros didáticos. – Ensino Médio.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017. 70 p. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/publicacoes/category/125-guias>. Acesso em: 22 set. 2019.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. O Movimento das Beguinas: Interfaces e ressonâncias em experiências sócio-religiosas femininas do presente. **Consciência.net**, João Pessoa, 12 jun. 2012. Disponível em: <http://consciencia.net/o-movimento-das-beguinas-interfaces-e-ressonancias-em-experiencias-socio-religiosas-femininas-do-presente/>. Acesso em: 22 set. 2019.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Glória; BRABO, Tania Suely Antonelli Marcelino. **Direitos Humanos das Mulheres e das Pessoas LGBT**: inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente. *In*: FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; ZENAIDE, Maria Nazaré Tavares; DIAS, Adelaide Alves. *Direitos Humanos na Educação Superior: subsídios para a educação em direitos humanos na pedagogia*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. p. 231 - 276. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2015/11/2010.D.H-NA-EDUCA%C3%87%C3%83O-SUPERIOR.-PEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 28 set. 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**. 3. ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 2016.

CORTÉS, Olga Nancy P. **Hannah Arendt**: tessituras de um percurso. *In*: PACHECO, Juliana (Org.). *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. p. 194 - 232. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_e78c30563360489da5b86b9adfb50029.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. **Mulheres intelectuais na idade média**: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. 296p. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_19739039a5a5438f95fd7c7a5f221ff3.pdf. Acesso em: 28 set. 2019.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

DUESO, José Solana. **Aspacia de Mileto y la emancipación de las mujeres**. Amazon E-book, 2014. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Aspasia-Mileto-emancipaci%C3%B3n-las-mujeres-ebook/dp/B00I3L6NRW>. Acesso em: 28 set. 2019.

FIGUEIREDO, Vinícius (Org.). **Filosofia**: temas e percursos. 2. ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2016.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética. **Lua Nova**, São Paulo, n. 70, p. 101 - 138, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a06n70.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019.

GALLO, Sílvio. **Filosofia**: experiência do pensamento. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016.

GOMES, Debora Corrêa. **Rosa Luxemburgo**, uma teoria da ação revolucionária. *In:* PACHECO, Juliana (Org.). Filósofas: a presença das mulheres na filosofia. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. p. 151 - 180. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_e78c30563360489da5b86b9adfb50029.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis (Org.). **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima produção, 2014. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/61300386/manual-de-pesquisa-qualitativa>. Acesso em: 22 set. 2019.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

KANT, Immanuel. **O que é o esclarecimento?**. *In:* KANT, Immanuel. Textos Seletos. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 63 - 71.

KARAWEJCZYK, Mônica. **Christine de Pisan**: uma filósofa no medievo?!. *In:* PACHECO, Juliana (Org.). Filósofas: a presença das mulheres na filosofia. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. p. 104 - 122. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_e78c30563360489da5b86b9adfb50029.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

MARKS, Larisse. **Ayn Rand**: a egoísta racional. *In:* PACHECO, Juliana (Org.). Filósofas: a presença das mulheres na filosofia. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. p. 181 - 193. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_e78c30563360489da5b86b9adfb50029.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

MARQUES, Melanie Cavalcante; XAVIER, Kella Rivetria Lucena. A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. *In:* VI Seminário CETROS. Anais. Ceará: UECE, ago. 2018. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51237-16072018-192558.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

MARTINELLI, Águeda Vieira. **Hypatia de Alexandria**: por uma história não idealizada. *In:* PACHECO, Juliana (Org.). Filósofas: a presença das mulheres na filosofia. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. p. 64 - 83. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_e78c30563360489da5b86b9adfb50029.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

MARTINS, Maria Helena Pires; ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando:** introdução à filosofia. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

MELANI, Ricardo. **Diálogo:** primeiros estudos em filosofia. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Reivindicação do direito das mulheres - Mary Wollstonecraft**, [recurso eletrônico]. Tradução de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo: Iskra, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod_resource/content/1/Reivindica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf. Acesso em: 29 set. 2019.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. **Textos de história**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 82 - 91, 1997. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21162/1/ARTIGO_SerMulherIdadeMedia.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

PACHECO, Juliana (Org.). **Mulher e filosofia:** as relações de gênero no pensamento filosófico. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_abecd20d1b19458ab0f612c751162b7f.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 174 p.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2004. 320 p.

PULEO, Alicia H. **Filosofia e Gênero:** a memória do passado ao projeto do futuro. In: GODINHO, T.; SILVEIRA, M. L. da (Orgs.). Políticas Públicas e Igualdade de Gênero. São Paulo: Coordenadoria Especial da mulher, 2004, p. 13 - 35.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Filosofia e filosofias:** existência e sentido. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.

SILVA, Odi Alexander Rocha da. **Safo de Lesbos**: a experiência filosófica na poesia. In: PACHECO, Juliana (Org.). Filósofas: a presença das mulheres na filosofia. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. p. 12 - 43.

Disponível em:

https://docs.wixstatic.com/ugd/48d206_e78c30563360489da5b86b9adfb50029.pdf.

Acesso em: 22 set. 2019

SOUZA, Luciane de. A participação das mulheres na ciência brasileira. **Nossa Ciência**, 3 mar. 2017. Disponível em: <https://nossaciencia.com.br/artigos/a-participacao-das-mulheres-na-ciencia-brasileira/>. Acesso em: 22 set. 2019.

VASCONCELOS, José Antônio. **Reflexões**: Filosofia e cotidiano. São Paulo: SM Educação, 2016.

VIDAL, Maria José da C. Souza. Mulheres na ciência: a invisibilidade e o reconhecimento necessário. **Nossa Ciência**, 3 mar. 2017. Disponível em: <http://nossaciencia.com.br/artigos/mulheres-na-ciencia-a-invisibilidade-e-o-reconhecimento-necessario/>. Acesso em: 22 set. 2019.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação do direito das mulheres** [recurso eletrônico]. Tradução de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo: Iskra, 2016.

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod_resource/content/1/Reivindica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf. Acesso em: 29 set. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO I

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO
PESQUISADORA RESPONSÁVEL: ANA PAULA MEDEIROS DE MARIZ
PROFESSOR ORIENTADOR: DR^a. MARIA JOSÉ DA C. SOUZA VIDAL
PESQUISA: A INVISIBILIDADE DA MULHER NA FILOSOFIA, UM OLHAR À LUZ
DOS PROFESSORES DE FILOSOFIA

QUESTIONÁRIO I

Entrevista Semiestruturada

Data: ___/___/___ Aplicador: _____. Hora: Início ___:___ h. Fim: ___:___ h
 ESCOLA: _____

Contato do respondente (celular/email): _____

SOCIAL

Idade: _____

Sexo () M () F

Estado civil: () solteiro(a) () casado(a) () separado(a) () viúvo(a) () outro _____

Número de filhos: () nenhum () 1 () 2 () 3 () mais de 3

PROFISSIONAL

- Qual seu nível de escolaridade?

Formação Continuada:

- Atualmente está participando de algum programa de formação continuada financiado pela escola ou governo?

- Qual?

- Realiza formação continuada por conta própria?

- Qual?

- Com qual frequência?

Jornada de Trabalho

- Qual seu tempo de experiência como professor?

ORGANIZAÇÃO DAS AULAS

- Qual livro didático utilizado na disciplina de filosofia?

- Cite outros materiais complementares utilizados para a sala de aula e/ou planejamentos de aula?

- Costuma trabalhar a importância do gênero, e as filósofas, suas teorias e contribuições filosóficas?
- Quais filósofas?
- Qual a frequência da utilização de **filósofas** na história do conhecimento histórico-filosófico em sala de aula?
- Qual(is) o/s elemento/s que mais lhes traz dificuldade/s para trabalhar as mulheres na filosofia?

- () Jornada de trabalho
- () Excesso de atividades (sobrecarga de atividades)
- () Tempo insuficiente para pesquisar sobre elas
- () Falha dos livros didáticos
- () Falta de interesse dos alunos
- () Falta de material didático
- () Falta de planejamento
- () Falta ou insuficiência de apoio pedagógico
- () Falta de recursos materiais (pedagógicos)
- () Falta de reconhecimento sobre as filósofas
- () Não vejo necessidade de abordar as mulheres filósofas em minhas aulas
- () Carência refletida pelas universidades, que pouco exploram as pensadoras
- () outros: _____

Resultados do trabalho:

- Na proposta pedagógica da escola, traz a importância de se trabalhar o estudo de gêneros, bem como a exploração da figura e importância da mulher no conhecimento?
- Comente:

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO II

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO
PESQUISADORA RESPONSÁVEL: ANA PAULA MEDEIROS DE MARIZ
PROFESSOR ORIENTADOR: DR^a. MARIA JOSÉ DA C. SOUZA VIDAL
PESQUISA: A INVISIBILIDADE DA MULHER NA FILOSOFIA, UM OLHAR À LUZ
DOS PROFESSORES DE FILOSOFIA

Questionário II

Entrevista Semiestruturada

Data: ___/___/___. Hora: Início ___:_ h. Fim: ___:_ h

ESCOLA: _____

Contato do respondente(celular/email): _____

SOCIAL

Idade: _____

Sexo () M () F

- Já participou ou está participando de alguma formação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio na 10^a DIREC, sobre mulheres filósofas? Qual?

- Realiza ou realizou alguma formação de ensino de filosofia com mulheres filósofas por conta própria? Qual?

- Em sua formação acadêmica, trabalhou alguma filósofa? Cite-as:

- Acredita ser necessário trabalhar as mulheres na filosofia, em sala de aula?

- Tem interesse em produzir material didático de filosofia que aborde mulheres filósofas? Por que?

- Tem alguma sugestão sobre como trabalhar as mulheres na filosofia? Elenque:

ANEXOS

ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, _____
 (nome), (CPF ou matrícula): _____, representante legal da
 _____ (nome) _____ da _____ instituição)
 _____, localizada no _____
 endereço: _____

_____ venho através deste documento, conceder a anuênci para a realização da pesquisa intitulada: **“A invisibilidade da mulher na filosofia - uma análise a partir de sua ausência nos livros didáticos do ensino médio”** tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob a orientação da professora Drª Maria José da C. e Souza Vidal com a pesquisadora mestrand Ana Paula Medeiros de Mariz vinculada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Caicó, a ser realizada no local _____.

Declaro conhecer e cumprir as resoluções Éticas Brasileiras, em especial a resolução 466/12 e suas complementares.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades, como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu cumprimento no resguardo da segurança e bem estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução 466/12 CNS/MS;
- 2) A garantia do participante em solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Liberdade do participante de retirar a anuênci a qualquer momento da pesquisa sem penalidade ou prejuízos.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consustanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

_____ (Caicó/RN), ____/____/____

 Assinatura e Carimbo do/a responsável preferencialmente.
 Na inexistência do carimbo, Portaria de nomeação da função ou CPF.

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
 Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
 UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
 Campus Caicó Curso de Filosofia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa **“A invisibilidade da mulher na filosofia - uma análise a partir de sua ausência nos livros didáticos do ensino médio”** coordenada pela **Profª Ana Paula Medeiros de Mariz** e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, será submetido ao seguinte procedimento: Entrevista cuja responsabilidade de aplicação é de Ana Paula Medeiros de Mariz, formação, curso do Campus Avançado “Caicó-RN”, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. As informações coletadas serão organizadas em banco de dados em programa estatístico e analisadas a partir de técnicas de estatística descritiva e inferencial.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Reconhecer e valorizar a diversidade humana partindo de um processo de conhecimentos e respeito sobre a questão do gênero (feminino), com intuito de resgatar e promover atitudes individuais e coletivas contra o preconceito e a favor do respeito às diferenças, fazendo uma reinterpretação da importância do papel da mulher filósofa, desde as sociedades antigas até as sociedades atuais, preservando assim a dignidade humana da mesma. Particularmente no que diz respeito de como são utilizados pelos professores de filosofia o pensamento das mulheres filósofas e como foi de importante contribuição para o processo de conhecimento”. E como objetivos específicos:

- Utilizar mulheres filósofas;
- Despertar o espírito investigativo, crítico e a integração dos estudantes;
- Entender e valorizar a identidade de cada indivíduo em sua pluralidade;
- Desmistificar o preconceito relativo à questão do gênero;
- Promover discussões, por meio das rodas de conversa, para um posicionamento mais crítico frente à realidade social em que vivemos;
- Incentivar a leitura filosófica e a pesquisa de assuntos relacionados ao tema do projeto;

O benefício desta pesquisa é a possibilidade de trazer a importância para o ensino de filosofia no ensino médio, a necessidade da utilização de mulheres filósofas. Dessa forma,

construiremos um projeto que proponha uma discussão, uma reflexão acerca do ser humano e suas diferenças, demonstrando quanto à mulher foi prejudicada, no que diz respeito, a sua importância na sociedade e na história como um todo, e como a própria filosofia deixou que passasse despercebida a importância e a necessidade do conhecimento das mulheres. Isso tudo sendo colocado para os discentes, demonstrando que o conhecimento independe do gênero. Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de invasão de privacidade; tomar o tempo do sujeito ao responder a entrevista; revitimizar e perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados. Esses riscos serão minimizados mediante: Garantia do anonimato/privacidade do participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome do mesmo; para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a responsável pela pesquisa, Ana Paula Medeiros de Mariz, realizará as entrevistas com os pesquisados. Somente Ana Paula Medeiros de Mariz e a orientadora desse estudo, Professora Drª. Maria José de C. e Souza Vidal, manusearão e guardarão os resultados da pesquisa ; Sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não será divulgado dado que identifique o participante; Garantia que o participante se sinta à vontade para responder as perguntas da entrevista e Anuência das Instituições de ensino para a realização da pesquisa.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em CD-ROM e caixa arquivo, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável (orientadora) no Departamento de Filosofia, Campus Caicó/RN, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a pesquisadora Ana Paula Medeiros de Mariz, do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Campus Caicó RN, no endereço Avenida Rio Branco, Centro, CEP59300-000– Caicó– RN. Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)** -Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva. Tel: (84) 3312-7032. e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou resarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Paula Medeiros de Mariz.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. O pesquisador estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar desta pesquisa “**A invisibilidade da mulher na filosofia - uma análise a partir de sua ausência nos livros didáticos do ensino médio**”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido (a) e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação.

Caicó, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante

Aluno (Aluno-pesquisador) - Aluna do Curso de Mestrado Profissional em Filosofia , da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Caicó/RN, no endereço Avenida Rio Branco, n. 775, centro, CEP 59300-000– Tel.(84) 3421-6513 ou 3421-4837 (Sede Administrativa)Caicó – RN.

Prof^a Dr^a Maria José da C. e Souza Vidal (Orientador da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) - Curso de Filosofia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Natal, Av. Dr. João Medeiros Filho,nº 3419 - Potengi (Zona Norte) Natal-RN. Tel.(84)3207-8789/3207-2889.

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) -Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva.Tel: (84) 3312-7032. e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.

ANEXO C – RELAÇÃO DE PROFESSORES E ÁREA DE FORMAÇÃO

PROFESSORES DA 10ª DIREC		
Cidade	Escolas	Formação do professor
Ipueira	E. E. Joao Alencar de Medeiros	Filosofia
São José do Seridó	E. E. Prof Raimundo Silvino da Costa	Filosofia
São Fernando	E. E. Mons Walferdo Gurgel	Filosofia
Caicó	Centro Educacional José Augusto	Filosofia
	E.E. Antônio Aladim	Filosofia
	E. E. Profª Calpúrnia Caldas de Amorim	Filosofia
São João do Sabugi	Senador Jose Bernardo	Filosofia
Serra Negra do Norte	E. E. Prof. Leomar Batista de Araújo	Filosofia
Jucurutu	Newman Queiroz	Filosofia
Jardim de Piranhas	E. E. Amaro Cavalcanti	Filosofia
Timbaúba dos Batistas	E. E. Basílio Batista de Araújo	Filosofia
PROFESSORES DA 09ª DIREC		
Cidade	Escolas	
Cruzeta	E. E. Joaquim José de Medeiros	Filosofia
Florânia	E. E. Prof Raimundo Silvino da Costa	Filosofia
PROFESSOR DO CDS		
Caicó	Colégio Diocesano Seridoense	Filosofia
PROFESSORES DO ESTADO DA PARAÍBA		
Brejo do Cruz/PB	Escola Estadual Antônio Gomes	Filosofia
São Bento/PB	Estadual João Silveira Guimarães	Filosofia